

BestBolso

Contos do esconderijo
RELATOS DA JOVEM MÁRTIR DO HOLOCAUSTO

ANNE FRANK



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

EDIÇÕES BESTBOLSO

Contos do esconderijo

Anne Frank nasceu em 1929, na Alemanha, filha de um banqueiro e de uma dona de casa. Aos 4 anos, foi obrigada a sair do país com sua família após a chegada de Adolf Hitler ao poder. Em 1942, com a perseguição aos judeus deflagrada também na Holanda, Otto Frank, sua mulher e filhas unem-se a mais quatro pessoas e decidem se esconder dos invasores alemães. Por dois anos, até serem delatados, eles tiveram que viver limitados ao anexo do sótão do escritório de Otto Frank. No esconderijo, o diário de Anne era o único instrumento de liberdade que ela possuía, e nele relatou a vida cotidiana do Anexo Secreto, as transformações sofridas por cada um dos que ali residiam e a angústia daqueles dias. Anne Frank morreu de tifo, no campo de concentração Bergen-Belsen, aos 15 anos.

ANNE FRANK

Contos do esconderijo

Tradução de
EUGÊNIA VITÓRIA CÂMERA LOUREIRO

1ª edição

EDIÇÕES

BestBolso

RIO DE JANEIRO – 2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Frank, Anne, 1929-1945

F91c Contos do esconderijo [recurso eletrônico] / Anne Frank; tradução Eugênia Vitória
Câmera Loureiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.
recurso digital

Tradução de: Verhaaltjes en gebeurtenissen uit het achterhuis beschreven door Anne Frank

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7799-484-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção alemã. 2. Livros eletrônicos. I. Loureiro, Eugênia Vitória Câmara. II. Título.

15-22413

CDD: 833

CDU: 821.112.2-3

Contos do esconderijo, de autoria de Anne Frank.

Título número 374 das Edições BestBolso.

Primeira edição impressa em agosto de 2014.

Texto revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original holandês:

VERHAALTJES EN GEBEURTENISSEN UIT HET ACHTERHUIS BESCHREVEN DOOR ANNE
FRANK

Copyright © 1949, 1960 by Otto Frank, 1982 by Anne Frank Fonds, Basileia, Suíça.

Publicado mediante acordo com Anne Frank Fonds.

Copyright da tradução © by Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Partes deste livro foram publicadas em 1949 sob o título “Weet Je Nog?” e em 1960 numa edição ampliada intitulada “Verhalen Rondem Het Achterhuis”. Esta edição é baseada na última edição completa, publicada em 1982 por Uitgeverij Bert Bakker-Witgeverij Contact, sob o título VERHAALTJES EN GEBEURTENISSEN UIT HET ACHTERHUIS BESCHREVEN DOOR ANNE FRANK.

Os manuscritos originais estão na Casa de Anne Frank em Amsterdã e no Rijksinstituut woon Oorglgsdocumentatie (Instituto de Documentação de Guerra) em Amsterdã. Veja continuação destes créditos na página 159 desta edição.

Direitos de reprodução da tradução cedidos para Edições BestBolso, um selo da Editora Best Seller Ltda. Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A. e Editora Best Seller Ltda são empresas do Grupo Editorial Record.

www.edicoesbestbolso.com.br

Design de capa e ilustração: Rafael Nobre.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil em formato bolso adquiridos pelas Edições BestBolso um selo da Editora Best Seller Ltda. Rua Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000. Proibida a reprodução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-7799-484-7

Sumário

Fábulas e contos

1. Kitty
2. A família do porteiro
3. O sonho de Eva
4. A viagem de avião de Paula
5. Kathy
6. A pequena vendedora de flores
7. O anjo da guarda
8. O medo
9. O velho e sábio anão
10. Blurry, o explorador
11. A fada
12. Rita
13. Jackie
14. A vida de Cady

Recordações e ensaios

1. Você se lembra?
2. A pulga

3. A guerra das batatas
4. Vilões!
5. Meu primeiro dia no liceu
6. Uma aula de biologia
7. Uma aula de geometria
8. Pensionistas e sublocatários
9. Sonhos de estrelato no cinema
10. Domingo
11. Meu primeiro artigo
12. O poço de iniquidade
13. A felicidade
14. Dar
15. Quem é interessante?
16. Por quê?

Fábulas e contos

1

Kitty

7 de agosto de 1943

Kitty é a garota que mora ao lado. Quando o tempo está bonito, posso vê-la brincar no quintal através da janela. Kitty usa um vestido de veludo vinho aos domingos e um de algodão nos outros dias; possui cabelos louros claros com pequenas trancinhas e límpidos olhos azuis.

Kitty tem uma mãe carinhosa, mas seu pai já morreu. A mãe é lavadeira; às vezes fica fora o dia inteiro limpando as casas de outras pessoas e à noite lava a roupa dos fregueses.

Frequentemente, tarde da noite, ela bate os tapetes e os pendura lavados no varal. Kitty tem seis irmãos e irmãs. O caçula chora muito e se agarra à saia da irmã de 11 anos quando a mãe diz: “Crianças, hora de dormir!”

Kitty tem um gatinho tão preto que mais parece um mouro. Ela cuida muito do bichinho e toda noite, antes de dormir, podemos ouvi-la chamar: “Kitty, Kitty, Kitty!” Foi assim que ela passou a se chamar Kitty, que pode ou não ser o seu nome verdadeiro. Tem também dois coelhos, um branco e outro marrom, que saltam de um lado para o outro na grama.

Veza por outra Kitty se comporta como uma criança travessa, assim como as outras. Geralmente isso acontece quando ela briga com os irmãos. É um espetáculo vê-la lutar com eles – bate, distribui pontapés e até morde os irmãos, e todos respeitam a irmã valente.

“Temos entregas a fazer!”, anuncia a mãe. Kitty tapa imediatamente os ouvidos; assim poderá dizer que não ouviu o que a mãe dissera. Kitty detesta

fazer entregas, mas não mentiria para deixar de fazê-lo; ela não mente; basta apenas olhar aqueles olhos azuis para se saber disso.

Um dos irmãos de Kitty tem 16 anos e trabalha como *office boy*. Às vezes dá ordens às outras crianças como se ele fosse o pai. Kitty não se atreve a desobedecê-lo, pois sabe, pela experiência, que seu irmão não hesita em usar os punhos e também que ele não deixa de recompensar alguém que o obedece. Peter é generoso, e Kitty gosta muito de doces e balas.

Aos domingos, quando o sino dobra, a mãe de Kitty e as crianças vão à igreja. Kitty reza por seu pai, que está no céu, e também por sua mãe, para que ela viva ainda por muitos e muitos anos. Depois da igreja eles vão passear. Kitty aprecia muito esses passeios; gosta de perambular pelo parque ou, o que ainda é melhor, pelo jardim zoológico. Mas isso acontece apenas em setembro, quando o preço da entrada é mais barato. O aniversário de Kitty é em setembro e vez por outra ela pede de presente uma ida ao zoológico. Outros presentes estão além das possibilidades de sua mãe.

Kitty frequentemente consola a mãe, que chora à noite, depois de um dia árduo de trabalho. Kitty então promete à mãe todas as coisas que ela mesma gostaria de ter quando crescesse. Ela deseja ardentemente crescer, ganhar dinheiro, comprar roupas bonitas e presentear os irmãos com balas e doces como faz Peter. Mas antes de fazer tudo isso, Kitty tem muito o que aprender e frequentar a escola por bastante tempo.

A mãe quer que Kitty entre para a Domestic Science School, mas a menina decididamente não gosta da ideia. Não deseja um emprego na casa de alguma senhora presunçosa. Quer trabalhar numa fábrica como aquelas garotas alegres e tagarelas que vê passar da janela. Numa fábrica você nunca está sozinha, tem com quem mexericar. E Kitty adora mexericos. De vez em quando fica de castigo na escola porque conversa demais.

Mesmo assim Kitty gosta da professora, que é amável e muito inteligente. Como deve ser difícil estudar e chegar a saber tanto! Mas uma pessoa pode viver bem com menos. A mãe de Kitty sempre diz que garotas inteligentes demais não arranjam marido e a menina acha que isso seria simplesmente terrível. Mais tarde, Kitty sem dúvida gostaria de ter filhinhos queridos, mas não como seus irmãos e irmãs. Os filhos de Kitty vão ser mais bonitos e

meigos. Terão cabelos encaracolados em lugar daquela coisa reta amarelada e sem brilho, e não terão sardas, pois Kitty as possui aos milhares. Não quer tantos filhos quanto sua mãe. Dois ou três seriam suficientes, mas isso, oh, está tão longe, tão distante ainda...

– Kitty! – a mãe chama. – Venha cá. Onde é que você estava sua garota levada? Suponho que sentada ali, sonhando. Vamos, já para a cama.

Kitty suspira. Ser interrompida logo no momento em que está se imaginando um futuro glorioso!

A família do porteiro

Sábado, 7 de agosto de 1943

Seja inverno ou verão, a família do porteiro não observa os regulamentos do blecaute. É como nos tempos de paz, dias em que a luz ficava acesa no apartamento de cada um e então era possível ver as pessoas sentadas em volta da mesa de jantar ou do chá.

A esse respeito a família do porteiro não parece se preocupar se estamos em guerra ou em paz; seja como for, pode-se olhar através da janela brilhantemente iluminada e ver o papai, a mamãe, o filho e a filha em torno da mesa.

A mamãe simplesmente não tem nada a ver com a guerra; ela se recusa a substituir o tempero, prefere não usar nenhum; não vai beber chá preto ruim, em vez disso toma de hortelã, e quando há fuzilaria e ela não deseja ouvir, possui um remédio eficaz para isso também, a saber, senta-se junto do chuveiro aberto e coloca no gramofone música de jazz no volume mais alto possível. Quando os vizinhos reclamam, ela não se aflige; simplesmente arranja algumas gulodices para apaziguá-los. A senhora do terceiro andar, cuja filha está comprometida com o filho de mamãe, ganha uma gorda panqueca e a Sra. Steen, a vizinha do lado direito, recebe 50 gramas de açúcar.

A senhora dos fundos do segundo andar, que é dentista e emprega a filha de mamãe como assistente, tampouco é esquecida. Papai, porém, fica exasperado com mamãe, porque cada noite de fuzilaria acaba por lhe custar três cigarros.

O papai e a mamãe ficam sozinhos o dia inteiro. Cuidam com carinho de seus cinco coelhos que a cada dia ficam mais gordos. Os animais têm um berço para dormir, um abrigo contra a chuva e uma tina de madeira como mesa de jantar. No inverno dispõem de uma casinha com janelas e compartimentos grandes e agradáveis. O cardápio diário consiste em talos de cenoura e outros petiscos. Papai trabalha muito no jardim e mamãe, na casa. Tudo está limpo e em ordem. Toda semana mamãe limpa as janelas da frente e dos fundos, os pisos e os utensílios de cozinha, sempre com a ajuda da gorda faxineira que há anos vem fazendo o mesmo serviço.

Papai não tem muito trabalho agora. Hoje em dia serve de porteiro para os escritórios de uma grande firma comercial situada no andar de cima e tudo o que tem a fazer é dormir um sono leve para assim poder escutar possíveis ladrões. Mamãe costumava limpar o edifício inteiro com a ajuda da faxineira. Mas desde que teve o seu décimo filho e sua filha única se casou, deixou de fazê-lo.

A maior alegria do papai e da mamãe é quando os netos vêm visitá-los. Pode-se ouvir o tempo todo as crianças gritando pelo jardim: “Vovô, vovó, olhem os coelhos, eles estão fazendo coisas tão divertidas.” Então o vovô e a vovó atendem correndo, porque os netos precisam ser mimados, essa é a opinião deles. Os netos não são como filhos que precisam andar na linha.

Vovô está trabalhando muito por sua neta mais velha; está fazendo uma canoa para ela como presente de aniversário. Gostaria de ter um avô assim.

3

O sonho de Eva

6 de outubro de 1943

— Boa noite, Eva, durma bem.

– Você também, mamãe.

A luz foi apagada e Eva ficou no escuro, mas só por alguns momentos, porque, quando se acostumou com a escuridão, viu que a mãe, ao fechar as cortinas, tinha deixado uma presta qual ela podia olhar direto para a face da lua. A lua que permanecia tão tranquila no céu; não se movia e não sorria, e era amiga de todos.

“Se ao menos eu pudesse ser assim”, disse Eva mansamente para si mesma, “sempre calma e gentil; dessa forma todos gostariam de mim. Seria maravilhoso.”

Eva revirava no pensamento a diferença entre a lua e ela mesma, ainda tão pequenina. Por fim, mergulhou num sono leve e seus pensamentos pareceram se transformar em sonho, do qual Eva se lembrou tão intensamente no dia seguinte que chegou mesmo a imaginar se aquilo não teria acontecido de verdade.

Ela se encontrava na entrada de um grande parque; olhava através da grade e não se atrevia a entrar. Quando já se voltava para ir embora, uma garotinha com asas surgiu diante dela e lhe disse:

– Vá em frente, Eva, ou não sabe o caminho?

– Não, não sei – respondeu Eva timidamente.

– Bem, então venha comigo.

Dizendo isso o pequeno elfo tomou Eva pela mão.

Eva já tinha passeado por muitos parques com a mãe e a avó, mas nunca estivera num parque como aquele.

Viu uma enorme quantidade de flores, árvores, campos e toda a sorte concebível de insetos e pequenos animais como esquilos e tartarugas. O elfo conversava animadamente e Eva tinha dominado o medo o suficiente para fazer uma pergunta. Mas o elfo interrompeu-a pondo o dedo sobre os lábios de Eva.

– Vou lhe mostrar e explicar tudo. Depois de cada explicação pode fazer perguntas sobre o que não compreender, mas antes deve manter silêncio e não me interromper. Se o fizer, eu a levarei imediatamente de volta para casa, e aí você ficará sabendo tão pouco como o resto das pessoas tolas.

“Bem, agora vou começar: em primeiro lugar está a rosa, a rainha das flores. É tão linda e possui um perfume tão maravilhoso que penetra na cabeça de todos e a maior parte das pessoas se volta para ela.

“A rosa é encantadora, elegante e perfumada, mas se alguma coisa não a agrada, vão imediatamente os espinhos em sua direção. É como uma garotinha mimada... muito bonita e aparentemente muito gentil também, mas toque-a ou desvie um pouco de atenção que seja para outra pessoa, de forma que ela não seja mais o centro de interesse, e logo põe à mostra as unhas afiadas. Seu tom de voz torna-se dissimulado; ela está ofendida, mas não quer demonstrá-lo e assim suas maneiras se tornam afetadas e assume ares de superioridade.”

– Mas se é assim como você diz, pequeno elfo, por que então todos consideram a rosa a rainha das flores?

– Porque quase todas as pessoas ficam ofuscadas pelo brilho superficial; só uns poucos não votariam na rosa se houvesse uma eleição. Ela possui bela aparência e majestade, mas, da mesma forma que no resto do mundo, raramente alguém pergunta se não haveria outra, cujo aspecto exterior fosse um pouco menos pretensioso, porém talvez por dentro fosse mais nobre e dotada para o papel de soberana.

– Mas você mesmo acha a rosa encantadora, não é, pequeno elfo?

– Decerto que sim, e mesmo se ela não se colocasse sempre no primeiro plano, ainda assim seria encantadora. Mas desde que seja considerada por

unanimidade a flor das flores, verá sempre a si mesma mais bonita do que é na realidade, e enquanto perdurar tal situação ficará cheia de falso orgulho. Não dou importância a esse tipo de criatura.

– Você acha que Lena também é cheia de falso orgulho? Ela também é bonita e, pelo fato de ser rica, é a líder da classe.

– Pense um pouco, Eva, e vai precisar admitir que, se a pequena Marie, por exemplo, tivesse alguma queixa contra Lena, esta faria a classe toda se voltar contra Marie. Qual a razão? Apenas porque Marie é uma menina simples e pobre. E vocês, todas vocês, aceitaram essa falsa razão, porque sabem que se não o fizessem cairiam em desgraça perante Lena. E isso é tão penoso quanto ter a líder zangada com vocês. Não poderiam mais ir à bela casa de Lena, e por isso deixam que ela chefie vocês. Mais tarde na vida, garotas como Lena tendem a ficar sozinhas porque as outras ao crescerem acabam por compreender o quanto ela estava errada. Em lugar de ficarem sozinhas para sempre, garotas como Lena deveriam mudar de atitude.

– Você acha então, elfo, que eu deveria tentar convencer as outras garotas a não darem ouvidos a Lena?

– Sim. No princípio Lena vai ficar furiosa com você. Mas depois, ao adquirir mais juízo e compreender como agiu mal, vai ficar agradecida e ter amigas mais sinceras do que vinha tendo até então...

– Entendo. Mas diga-me, pequeno elfo, eu sou tão cheia de falso orgulho quanto a rosa?

– Escute, Eva: as pessoas e as crianças que se fazem perguntas como essa provam estar livres dele. Você mesma pode responder melhor à pergunta, e aconselho a fazê-lo... Agora, vamos continuar. Olhe isto aqui: você não acha encantador?

O elfo ajoelhou-se perto de uma flor pequena e azul em forma de sino que oscilava para a frente e para trás, na relva, ao ritmo do vento.

– Este sininho é gentil, doce e simples. Traz alegria para o mundo; ele dobra para as outras flores como o sino da igreja dobra para as pessoas. Ajuda muitas flores e lhes proporciona consolo. O sininho nunca está solitário; tem música em seu pequeno coração. Esta flor é bem mais feliz que a rosa. Não se importa com os elogios dos outros. A rosa vive apenas para a

admiração: se não consegue despertar atenção, não vê outra razão para se sentir bem. Seu esplendor exterior é feito para os outros; por dentro ela é vazia e conseqüentemente sem felicidade.

“A campânula, por outro lado, não é exatamente bela mas possui amigos verdadeiros que apreciam sua melodia; esses amigos vivem no coração dessa flor.”

– Mas a campânula também é uma flor bonita, não é?

– Sim, mas não de maneira tão óbvia quanto a rosa. Lamentavelmente, é esse o tipo de show que atrai a maioria das pessoas.

– Mas eu também me sinto com frequência muito sozinha e gostaria de ter pessoas à minha volta. Isso não é bom?

– Isso é outro assunto, Eva. Mais tarde, quando crescer, você também vai ouvir a música que existe em seu coração; tenho certeza.

– Por favor, elfo querido, continue com sua história.

– Está bem, vou continuar.

O elfo apontou o dedinho para cima. Eva se deparou com uma imensa castanheira.

– Esta árvore é magnífica, não é? – perguntou o elfo.

– Sim, é grandiosa; quantos anos você acha que ela tem?

– Certamente mais de 150, mas ainda está ereta e não se sente absolutamente velha. Todos admiram a castanheira por sua força e seu vigor, e ela prova conhecer a própria força com a indiferença que demonstra acerca de toda essa admiração. Não tolera que alguém esteja acima dela e é egoísta em relação a tudo. Enquanto viver nada mais vai ter importância. Aparenta ser generosa e um apoio para as outras. Mas se você acredita nisso, se engana. A castanheira gosta que não lhe tragam problemas e queixas. Leva uma boa vida, mas não contribui com boa vontade para que isso aconteça a mais alguém. As árvores e as flores sabem disso. Quando se veem numa situação difícil dirigem-se ao solidário pinheiro e esquecem a castanheira. Ainda assim ela também possui uma pequena melodia naquele enorme coração; é possível chegarmos a essa conclusão através de sua afeição pelos pássaros. Para eles a castanheira sempre tem um lugarzinho e muitas vezes lhes oferece alguma coisinha, embora não em grande quantidade.

– A castanheira também pode ser comparada com algum tipo de pessoa?

– Você também não precisa perguntar isso, Eva. Todos os seres vivos podem ser comparados entre si, e a castanheira não é exceção. Ela não é má, compreende, mas também não é boa. Não faz mal a ninguém, vive satisfeita em sua própria vida. Alguma outra pergunta, Eva?

– Não, estou entendendo tudo, e sou muito grata a você por suas explicações, querido elfo. Agora vou para casa. Algum dia vai voltar para me contar mais coisas?

– Isso não vai ser possível. Durma bem, Eva.

O elfo se foi. Eva acordou; o sol havia substituído a lua, e o relógio cuco dos vizinhos anunciou 7 horas.

O sonho havia causado forte impressão em Eva. Quase todos os dias surpreendia a si mesma fazendo ou dizendo coisas desagradáveis que logo então corrigia de acordo com os bons conselhos do elfo. Esforçava-se também para não ceder sempre à Lena. Mas garotas como Lena percebiam logo quando alguém tentava fazer com que “abaixassem a crista”. Defendia-se com energia, especialmente quando Eva propunha algum jogo onde outra garota fosse a líder. Depois Lena fez o que pôde para voltar suas fiéis seguidoras contra Eva.

Eva reparou com prazer que Lena não reagia tão violentamente assim ao tratar com ela como o fazia com a pequena Marie. Por ser Marie uma garota tímida e franzina, Eva se surpreendia que ousasse enfrentar Lena. Ao conhecê-la melhor, ficou bastante claro para Eva que, como amiga, Marie tinha muito mais valor do que Lena.

Eva não havia falado sobre o elfo com a mãe. Era difícil para ela saber por quê. Até então havia confiado em sua mãe, mas pela primeira vez sentia necessidade de guardar algo só para si. Não compreendia isso, mas tinha um pressentimento de que a mãe, nesse caso, não ficaria exatamente “do lado dela”.

O pequeno elfo era encantador; a mãe, porém, não tinha estado no grande parque e não o tinha visto. Eva não seria capaz de descrevê-lo.

Não foi preciso muito tempo para que a mãe notasse a transformação que o sonho havia produzido na filha. Conversava sobre assuntos mais

interessantes e não se irritava mais por coisas insignificantes. Mas como Eva não lhe falava sobre o que havia produzido a mudança, a mãe por sua vez também não quis impor nenhuma confiança à criança.

E assim Eva continuou sua vida sempre pensando nos ensinamentos do elfo. Nunca mais tornou a vê-lo. Lena não era mais a líder da classe. Agora, outras garotas se revezavam na liderança. De início isso fez com que Lena ficasse muito irritada mas, ao perceber que palavras hostis não ajudavam, começou a assumir um comportamento mais cordial. Por fim, suas colegas, vendo que ela havia superado seus antigos erros, passaram a tratá-la como qualquer outra garota.

Eva decidiu contar a experiência à mãe. Para sua surpresa, a mãe não riu e em vez disso falou:

– Foi um grande privilégio que o elfo concedeu a você, Eva. Não creio que achasse muitas crianças dignas de recebê-lo. Pense sempre na confiança que o elfo depositou em você, e não fale sobre isso a ninguém. Siga os conselhos que ele lhe deu e jamais se afaste do caminho que ele mostrou a você.

Ao crescer, Eva passou a ser conhecida por suas boas ações. Ao completar 16 anos, todos na comunidade a estimavam por ser uma garota prestativa, gentil e amável. Sempre que fazia uma boa ação, sentia-se terna e satisfeita por dentro, e lentamente começou a compreender o que o elfo quisera dizer com “a música no coração”.

Quando se tornou adulta, a solução do sonho e de quem e o que tinha sido o pequeno elfo certo dia de repente surgiu para ela. Soube então, num lampejo, que aquilo fora sua própria consciência que, no sonho, havia mostrado a ela o que era certo. Estava profundamente grata por ter tido na infância o pequeno elfo como um guia e um exemplo.

A viagem de avião de Paula*

Quarta-feira, 22 de dezembro de 1943

I.

Havia muito tempo que Paula vinha desejando conhecer o interior de um avião. Ultimamente seu pai trabalhava num campo de pouso nos arredores de Berlim, onde Paula e sua mãe também moravam.

Num belo dia, quando reinava completa tranquilidade no campo de pouso, Paula tomou coragem e subiu no primeiro avião que viu pela frente. Com toda a calma que pôde conseguir, esquadrinhou todos os cantos e esconderijos e por fim deteve-se para inspecionar a cabine. Já se preparava para sair quando, sentindo um horror indescritível, ouviu vozes do lado de fora. Arrastou-se e foi se esconder rapidamente embaixo de um dos bancos e esperou tremendo o que iria acontecer.

As vozes foram ficando cada vez mais próximas e, no momento seguinte, Paula viu dois homens entrarem no avião; fizeram uma inspeção cuidadosa e quase tropeçaram no assento embaixo do qual Paula estava escondida. Sentaram-se num dos assentos de trás e começaram a conversar numa língua que a menina não compreendia uma palavra sequer. Passados dez ou quinze minutos, levantaram-se; um deles saiu e o outro se fechou numa cabine para sair logo em seguida vestido com os trajes de piloto. Então o segundo homem voltou acompanhado de mais seis outros que entraram no

avião. Tremendo, Paula ouviu o motor ser posto em funcionamento e as hélices começarem a girar.

II.

Como, apesar de sua audácia, Paula era às vezes medrosa e covarde e outras inesperadamente corajosa, não havia jeito de prever qual desses dois estados de espírito iria prevalecer.

Aconteceu que Paula sentiu-se extraordinariamente corajosa e quando já voavam havia algum tempo, saiu de repente de seu esconderijo. Para o espanto sem limites da tripulação ela se apresentou e contou por que se encontrava ali.

O que faziam com Paula? A tripulação discutiu e decidiu que não tinham outra escolha senão levá-la com eles. Ouviu-os dizer que se dirigiam à Rússia para bombardear as linhas russas.

Com um suspiro, Paula deitou-se num dos bancos e adormeceu. *Bim, bam, bum...* Paula sentou-se ereta de repente e olhou para os homens com olhos arregalados. Mas ninguém tinha tempo de reparar nela, porque os russos faziam fogo com vontade sobre o avião inimigo. Súbito, Paula gritou, os assentos tremeram, as janelas se espatifaram e alguns projéteis caíram dentro do avião, um caça de mergulho, que desceu para uma aterrissagem desastrosa.

Alguns russos vieram correndo e algemaram toda a tripulação. Pode-se imaginar a expressão divertida que apareceu nesses rostos estrangeiros ao se depararem subitamente com uma garotinha de cerca de 13 anos parada ali diante deles. Os alemães não falavam russo e os russos não compreendiam alemão; assim um jovem russo tomou Paula pela mão e seguiram a tripulação até um campo de prisioneiros. O comandante do campo riu bastante ao ver Paula parada diante dele numa atitude tão destemida. Ele não queria deixar aquela garotinha prisioneira junto com os outros; decidiu, então, que no dia seguinte iria procurar atrás das linhas de combate se

haveria entre as pessoas simples da região alguém que pudesse tomar conta da menina até que a guerra terminasse.

III.

Numa manhã chuvosa, quando já havia completado uma semana no escritório do comandante, Paula foi levada para fora do jeito estava e colocada num grande caminhão que conduzia soldados feridos para o hospital. Durante cinco horas o caminhão chocalhou e foi aos solavancos pela estrada coberta de cascalho. Do lado de fora uma cortina de chuva impedia a visão. Apenas algumas casas esparsas quebravam a solidão da estrada, mas todas essas casas pareciam mortas. No início da viagem podia-se ainda ouvir a distância o rugido de canhões; depois foi ficando cada vez menos perceptível, até que por fim cessou totalmente.

De repente a estrada ficou mais movimentada, passaram por alguns carros e então o caminhão parou diante de uma casa branca, pintada de cima a baixo com enormes cruces vermelhas. Os feridos foram carregados para dentro da casa onde ficariam aos cuidados de enfermeiras gentis.

Quando terminou o transporte dos feridos, o motorista, sem dizer uma palavra, deu novamente a partida. Mais uma hora se passou até o caminhão parar outra vez e Paula viu uma confortável casa de fazenda entre as árvores. O motorista apontou na direção da casa e Paula compreendeu que era a sua vez de descer. Ficou parada na estrada esperando pelo motorista, mas antes que soubesse o que estava acontecendo, o caminhão desapareceu e ela se viu sozinha na estrada deserta. Pensou consigo mesma: “Como são engraçados esses russos! Aqui neste país desconhecido eles simplesmente me deixam entregue à minha própria sorte. Aposto que os alemães não fariam isso!” (Não se pode esquecer que Paula era uma garota alemã.) Mas lembrou-se então de que o motorista havia apontado para a casa. Assim, atravessou a estrada, abriu o portão e viu-se numa espécie de campina cercada. Avistou diante da casa uma mulher trabalhando e uma garotinha que pendurava roupas lavadas no varal.

Paula dirigiu-se à mulher e estendeu a mão. Disse apenas:

– Paula Müller.

A mulher também estendeu a mão, depois de esfregá-la no avental encharcado, e respondeu:

– *Yustichiyarreya kolovnya*.

Paula pensou que fosse o nome dela, mas aquilo queria dizer apenas: “Seja bem-vinda”.

IV.

A Sra. Kantavoska (era esse o nome da mulher) vivia naquela fazenda com o marido e três filhos. Possuía um empregado para os serviços da fazenda e duas empregadas para o serviço da casa. Havia recebido três dias antes um aviso dizendo que uma menina de cerca de 13 anos provavelmente chegaria nos próximos dias. E nesse caso ninguém mais seria alojado em sua casa.

Isso convinha perfeitamente à Sra. Kantavoska, que agora tinha certeza de que era essa a menina em questão. Era difícil para os Kantavoska dizerem a Paula o que fazer. Mesmo fazendo todo o possível, a garota não entendia o que queriam dela. Durante as duas primeiras semanas teve dificuldade para engolir a comida, mas como a fome é o melhor molho, em breve se acostumou e, acreditem ou não, começou a ajudar na lavagem de roupa e na costura, copiando o que os outros faziam.

Assim Paula foi ficando, e ao completar seis meses com aquela família já compreendia o russo razoavelmente bem. Ao final de mais seis meses entendia quase tudo e, embora não fosse fácil para ela, chegava mesmo a abrir a boca de vez em quando. Os Kantavoska não notaram qualquer travessura de Paula; ela era esperta demais para isso e, além do mais, não pretendia atrapalhar sua vida por ali. Fazia seu trabalho e como não era desajeitada, como sempre fingia ser em casa, pouco a pouco tornou-se um membro da família.

V.

Dois anos depois de sua chegada junto aos Kantavoska, perguntaram a Paula se gostaria de aprender a ler e a escrever. Ela aceitou com entusiasmo e daí em diante passou a frequentar a escola três vezes por semana junto com uma garota da vizinhança. Fez rápido progresso e em 12 semanas já era capaz de ler russo. Junto com a vizinha também aprendeu a dançar e não demorou muito para ser vista dançando polcas e mazurcas em cafés, por alguns centavos por noite. Paula dava metade do dinheiro que ganhava para a mãe Kantavoska e guardava a outra metade porque há muito tempo vinha pensando numa forma de deixar aquele país.

VI.

Paula estava agora com 16 anos, não havia aprendido muito e de acordo com os padrões ocidentais daria a impressão de ser bastante tola. Assim dedicou-se com afinco à dança e não demorou muito para conseguir economizar o bastante para uma passagem de Minsk (era esse o distrito em que se encontrava) até Varsóvia. “Uma vez em Varsóvia”, pensou ela, “a Cruz Vermelha certamente me ajudará no restante do caminho.”

Dito e feito. Certa manhã, quando deveria ir para a escola, arrumou o que tinha numa sacola e fugiu.

Como tinha previsto, não foi brincadeira andar desde a fazenda dos Kantavoska até Minsk. Um motorista de caminhão proporcionou-lhe algumas horas de carona, mas o restante do caminho precisou fazer a pé e isso demorou horas e horas.

Ao chegar a Minsk no final da tarde, quase morta de cansaço, foi direto para a estação ferroviária para se informar sobre os trens que faziam conexão com Varsóvia. Para seu desespero, soube que o próximo trem não partiria antes do meio-dia do dia seguinte. Suplicou que chamassem o chefe da estação; quando ele apareceu, implorou-lhe permissão para passar a noite na sala de espera. A permissão foi concedida. Paula estava tão cansada que logo

adormeceu. Acordou pela manhã com todos os membros doloridos e perguntou aturdida onde se encontrava. Mas a consciência logo voltou, porque o roncar do estômago não podia passar despercebido. Era um problema com o qual Paula não havia contado. No bar da estação, uma garçanete gentil, depois de ouvir a verdadeira história de Paula, ofereceu-lhe um autêntico pãozinho com passas russo. Passou toda a manhã conversando com a garçanete, e ao meio-dia, completamente revigorada e na melhor disposição de espírito, embarcou no trem para Varsóvia.

VII.

Quando chegou a Varsóvia, o chefe da estação informou-lhe o caminho e Paula foi imediatamente ao encontro das enfermeiras da Cruz Vermelha. Permaneceu ali mais tempo do que esperava porque nenhuma das enfermeiras sabia o que fazer com ela. Não tinham endereço nem qualquer outra indicação sobre organizações que procuravam pessoas desaparecidas, e como Paula não possuía um níquel sequer as enfermeiras não podiam nem colocá-la num trem nem deixá-la morrer de fome. Contudo, por fim, decidiram que o que tinham a fazer era comprar uma passagem com destino a Berlim para a Srta. X, porque Paula lhes havia dito que uma vez em Berlim não teria dificuldades em encontrar o caminho para casa.

A despedida entre Paula e as enfermeiras foi afetuosa e então a garota tomou novamente o trem. Na estação seguinte embarcou um rapaz simpático, que logo puxou conversa com aquela jovem de aparência decidida. Durante toda a viagem Paula podia ser vista na companhia do jovem e bonito soldado e, ao descerem do trem em Berlim, combinaram reencontrar-se em breve.

Paula se pôs imediatamente a caminho e logo chegou à casa de seus pais, mas estava tudo vazio e deserto. Não lhe passara pela cabeça que seus pais tivessem se mudado nesse espaço de tempo. O que faria? Dirigiu-se mais uma vez à Cruz Vermelha e contou sua história em seu alemão imperfeito.

Mais uma vez conseguiu abrigo e comida mas tinha permissão para ficar ali apenas por duas semanas.

As únicas notícias que tinha de seus pais era que a mãe deixara Berlim em busca de trabalho e que o pai tinha sido convocado no último ano de guerra e que se encontrava ferido em algum hospital.

Começou imediatamente a procurar trabalho como empregada doméstica, e quando já tinha achado um, encontrou-se com Erik, o jovem simpático, que lhe arranhou um contrato num cabaré três noites por semana. Assim, as danças russas mais uma vez mostraram sua utilidade.

VIII.

Paula vinha dançando já havia bastante tempo no cabaré quando, certa noite, foi anunciado que no prazo de duas semanas haveria um grande recital de dança em benefício dos soldados convalescentes que recentemente haviam recebido alta em vários hospitais. A Paula foi reservado um papel de destaque nesse evento. Precisava praticar muito e quando chegava em casa tarde da noite estava tão cansada que não era sem dificuldade que conseguia se arrastar para fora da cama às 7 horas do dia seguinte. Seu único consolo era Erik. A amizade entre eles havia se desenvolvido e tornado mais profunda, e Paula certamente não teria sabido o que fazer sem ele. Quando a grande noite chegou, Paula pela primeira vez em sua vida sentiu medo do palco. Era tão esquisito ter de dançar só para homens. Mas não tinha escolha, a oportunidade era boa demais para deixar passar, principalmente porque agora teria um pouco mais de dinheiro.

O espetáculo foi um grande sucesso e logo que terminou Paula dirigiu-se ao vestibulo para se encontrar com Erik. Estacou de repente: bem ali, diante dela, estava o pai, conversando com outro soldado. Com um grito de alegria, Paula correu ao encontro dele e o abraçou.

O pai, que tinha envelhecido bastante, olhou espantado. Estava completamente estupefato, pois não tinha reconhecido a filha, quer no palco quer agora. De fato, foi necessário que Paula se apresentasse.

IX.

Uma semana depois, Paula pôde ser vista entrando na estação de Frankfurt sobre o Main, de braço dado com o pai. Foram recebidos com alegria pela mãe de Paula que ficou profundamente emocionada, pois até então não havia perdido a esperança de um dia rever a filha.

Quando Paula contou toda a história à mãe, o pai perguntou brincando se ela não tinha vontade de entrar “naquele avião ali” e voar de volta para a Rússia.

O leitor precisa saber que esta história aconteceu durante a guerra de 1914-18, quando os alemães foram vitoriosos em sua campanha russa.

Nota

* Antigamente, quando eu era criança, papai costumava me contar as histórias da “Travessa Paula”; ele sabia um montão delas e eu adorava ouvi-las. Agora, novamente, quando estou com papai à noite, ele algumas vezes me conta histórias de Paula. (*N. da A.*)

5
Kathy

11 de fevereiro de 1944

Kathy sentou-se no matacão que ficava ao sol bem em frente à fazenda. Ela pensava, pensava muito. Kathy era uma daquelas meninas sossegadas e tranquilas. Ela não contava seus pensamentos a ninguém – era reservada demais para isso. Não tinha amigos e provavelmente teria achado difícil achar um. A mãe considerava Kathy uma criança estranha, e o que dava mais pena era que ela própria também pensava assim. O pai, fazendeiro, era ocupado demais para se preocupar com a filhinha única. E assim Kathy vivia sempre sozinha. Isso não a perturbava; não conhecia coisas melhores e logo ficava satisfeita.

Mas nessa noite quente de verão deu um suspiro profundo ao contemplar o milharal. Como seria delicioso brincar com aquelas meninas. Veja como correm e riem; como estão se divertindo! Agora as crianças se aproximavam cada vez mais – será que viriam até onde estava? Oh, que terrível se viessem – só para zombarem dela. Ouvia-as mencionarem claramente seu nome, não o seu nome verdadeiro, mas o apelido que tanto odiava e que ouvia muitas vezes as crianças sussurrarem – Katesquisita!

Oh, como se sentia infeliz; se pudesse ao menos correr para dentro de casa. Mas se fizesse isso as crianças ririam mais ainda. Pobrezinha, certamente essa não foi a primeira vez que se sentiu tão desamparada e invejou o resto da meninada...

– Kathy! Kathy, venha já para dentro! Estamos jantando!

Mais um suspiro e a criança se ergueu lentamente para obedecer à mãe.

– Meu Deus, mas que cara alegre! Nós sem dúvida temos uma filha feliz!
– exclamou a mulher do fazendeiro quando a menina entrou vagarosamente na sala, mais deprimida do que nunca. – Você não é capaz de dizer alguma coisa por si mesma? – resmungou a mulher. Não se dava conta do quanto era hostil em seu tom de voz; a filha nunca fora a garota radiante e esperta que ela sempre desejou.

– Sim, mamãe – a criança respondeu num sussurro.

– Você é ótima, fica fora a manhã inteira e não faz nada de produtivo. Onde é que você esteve?

– Lá fora. – Kathy sentia um nó na garganta, porém a mãe não compreendeu o constrangimento da menina e aí ficou de fato curiosa para saber onde ela tinha passado toda a manhã. Perguntou novamente:

– Responda-me, exatamente; quero saber onde é que você esteve, entendeu? Não posso mais suportar esse seu eterno comportamento esquisito e obtuso!

Ao ouvir a palavra que a fazia se lembrar do apelido tão odiado, Kathy perdeu o controle e rompeu em lágrimas.

– Qual é o problema agora? Você é mesmo muito covarde! Não pode me dizer onde esteve perambulando? Ou será que isso é segredo?

A criança não foi capaz de responder; os soluços violentos impediam-na de falar. Subitamente derrubou uma cadeira ao sair correndo da sala para o sótão, aos prantos; lá afundou-se num amontoado de sacos num canto, soluçando como se seu coração fosse se despedaçar.

Lá embaixo, a mãe deu de ombros enquanto tirava a mesa; não estava surpresa com o comportamento da filha. Esses amuos “esquitos” não eram raros; resolveu deixar a menina sozinha – não havia nada a fazer, as eternas lágrimas estavam sempre a ponto de vir. Um belo espécime de 12 anos de filha de fazendeiro!

No sótão, Kathy tinha se acalmado, recuperando aos poucos o controle e pondo em ordem os pensamentos. Dali a pouco desceria, contaria à sua mãe que simplesmente estivera sentada na pedra perto da casa pensando e se ofereceria para terminar todo o trabalho na parte da tarde. A mãe então compreenderia que ela não havia negligenciado suas tarefas e se lhe

perguntasse por que tinha estado sentada imóvel durante toda a manhã, responderia que havia algo que PRECISAVA entender. Mais tarde, à noite, quando fosse fazer a entrega dos ovos, compraria um bonito dedal prateado e reluzente para a mãe; possuía dinheiro suficiente para comprar um dedal na aldeia.

Sua mãe veria afinal que ela não era tão obtusa e esquisita. Oh, se ao menos pudesse se livrar daquele horrível apelido! Ocorreu-lhe então uma ideia: se sobrasse algum dinheiro da compra do dedal, compraria um saco de balas e no caminho para a escola dividiria as balas com as outras meninas. Assim gostariam dela e a convidariam para brincar. Perceberiam logo que era tão boa em jogos como qualquer outra e ninguém mais a chamaria de outra coisa a não ser Kathy.

Desceu suavemente os degraus da escada. Ao encontrar a mãe no corredor, toda a coragem para conversar e explicar sua ausência pela manhã abandonou-a; começou imediatamente a limpar as janelas, uma de suas tarefas costumeiras.

Já era quase crepúsculo quando Kathy pegou a cesta de ovos e iniciou suas andanças. Depois de cerca de meia hora de caminhada, encontrou a primeira freguesa que a esperava no limiar da porta com um prato na mão.

– Esta noite vou querer dez, minha filha – disse a mulher gentilmente.

Kathy retirou os dez ovos da cesta, despediu-se e continuou seu caminho.

Em três quartos de hora a cesta ficou vazia e Kathy entrou no pequeno armazém da aldeia. Um bonito dedal e um saco de balas foram colocados imediatamente dentro da cesta, e Kathy dispôs-se então a voltar para casa. Lá pela metade do caminho, viu caminhando em sua direção duas das garotas que haviam caçoado dela de manhã. Corajosamente reprimiu o desejo de se esconder e, com o coração aos pulos, seguiu em frente.

– Vejam! Olhem só quem vem vindo aí, é a Katesquisita!

Em meio a um completo desnorteamento, Kathy pegou o saco de balas de dentro da cesta e o estendeu educadamente às outras crianças. As garotas o arrebataram com rapidez de sua mão e saíram correndo com ele. Uma delas se voltou e mostrou a língua para Kathy.

Desolada e inconsolável. Kathy sentou-se na grama à beira da estrada e chorou, chorou e chorou. Por fim, em meio à escuridão, enxugou as lágrimas, apanhou a cesta e lentamente retomou o caminho de casa.

Em algum lugar na grama, o dedal reluzia...

A pequena vendedora de flores

20 de fevereiro de 1944

Todas as manhãs a porta da casinha situada nos limites da aldeia se abre às 7h30 e uma menina muito pequenina sai carregando duas cestas repletas de flores em cada braço. Depois de fechar a porta, ajeita as cestas nos braços e inicia seu dia de trabalho. Os habitantes da aldeia, que respondem ao aceno sorridente de cabeça que a menina vai distribuindo ao passar, sentem pena dela. “Esta estrada é muito longa e o serviço é pesado demais para uma criança de 12 anos”, pensam eles.

Mas a garota naturalmente não conhece os pensamentos dessas pessoas que lhe são próximas. Simplesmente, e o mais rápido que suas pequenas pernas permitem, ela continua andando, andando. A estrada que conduz à aldeia é de fato muito longa; ela demora pelo menos duas horas e meia, num passo firme, para percorrê-la e, com duas cestas pesadas, não é fácil.

Quando por fim quase se arrasta pelas ruas da cidade, está exausta, e é somente a perspectiva de logo poder se sentar e descansar que a sustenta. Mas essa pequena é corajosa e não diminui a marcha até chegar ao seu lugar no mercado. Então se acomoda e espera, espera...

Às vezes ela espera o dia inteiro porque não é sempre que aparecem pessoas suficientes dispostas a comprar algo da pobre florista. Com muita frequência, quando chega a noite, Krista é obrigada a carregar de volta para a aldeia suas cestas ainda quase cheias.

Mas hoje as coisas estão diferentes. É quarta-feira e o mercado está extraordinariamente cheio e movimentado. Próximas a ela, outras

vendedoras apregoam suas mercadorias e a menina não ouve nada além de vozes zangadas e ranzinzas.

Os transeuntes dificilmente escutam Krista, porque sua vozinha alta se perde em meio à algazarra do mercado. Mesmo assim, o dia inteiro Krista não para de gritar:

– Belas flores, 10 centavos o buquê. Compreminhas belas flores!

Algumas pessoas, que ao terminarem suas compras se dão ao trabalho de olhar o interior das cestas, pagam de bom grado 10 centavos por um daqueles pequenos e encantadores ramalhetes.

Ao meio-dia, Krista se dirige para o lado oposto da praça do mercado onde o proprietário de uma barraca de café tem o costume de lhe oferecer de graça uma xícara cheia, com bastante açúcar. Para esse homem generoso, Krista reserva sempre suas mais belas flores.

Então retoma mais uma vez o seu lugar e começa novamente a apregoar sua mercadoria. Por fim, lá pelas 15h30, apanha suas cestas e volta para a aldeia. Agora ela caminha bem mais lentamente do que na ida. Krista está cansada, muito cansada.

O trajeto da volta lhe toma três horas inteiras e são então 18h30 quando afinal chega à porta da velha casinha. No interior tudo ainda está do jeito que deixou – deserto, frio e em desordem. A irmã, com quem divide a moradia, trabalha na aldeia desde manhã cedo até tarde da noite. Krista não pode se dar ao luxo de descansar; nem bem chega em casa, começa logo a descascar batatas e a limpar legumes. A irmã chega do trabalho às 19h30 e finalmente elas então se sentam e comem alguma coisa.

Às 20 horas da noite a porta da casinha se abre novamente e mais uma vez a menina sai com as cestas nos braços. Agora ela se dirige aos campos nas redondezas. Não precisa ir muito longe; logo ela se inclina para a grama e colhe flores, flores de todos os tipos, pequenas e grandes, e todas vão para dentro das cestas. O sol quase já se pôs, mas a criança permanece ainda sentada na grama recolhendo o suprimento para o dia seguinte.

Por fim a tarefa está concluída: as cestas estão cheias. O sol se pôs. Krista se estende na grama, com as mãos entrelaçadas sob a cabeça e o olhar no céu.

Este é o seu quarto de hora favorito e ninguém pense que a pequena vendedora de flores, que trabalha com energia, está insatisfeita. Ela não está e nunca vai estar enquanto puder todos os dias desfrutar deste breve e maravilhoso descanso.

No campo, entre as flores e sob o céu que escurece, Krista está contente. A fadiga se foi, o mercado se foi, as pessoas se foram. A menina sonha e pensa apenas na bênção que é desfrutar todos os dias deste breve momento sozinha com Deus e a natureza.

O anjo da guarda

22 de fevereiro de 1944

Era uma vez uma velha senhora e sua netinha que viviam há muitos anos perto de uma grande floresta. Os pais da menina morreram quando ela era ainda muito pequena, e a avó havia sempre cuidado dela com carinho. A casinha onde moravam ficava num lugar ermo, mas as duas pareciam não se aperceber disso e viviam felizes juntas.

Certa manhã a velha senhora não foi capaz de se levantar da cama, pois sentia dores muito fortes. Sua neta tinha agora 14 anos e cuidou da avó o melhor que pôde. Cinco dias se passaram; então a avó morreu e a menina ficou completamente sozinha naquela cabana solitária. Como não conhecia quase ninguém e não queria chamar um estranho para enterrar sua avó, fez ela mesma uma cova sob uma velha árvore na floresta e ali deitou a avó para descansar.

Quando a pobre menina voltou para casa sentiu-se totalmente desamparada e muito triste. Deitou-se em sua cama e se debulhou em lágrimas. Permaneceu ali o dia inteiro e só se levantou à noite para comer alguma coisa. E assim os dias foram passando. A pobrezinha não sentia mais prazer em nada e apenas chorava, chorava por sua avó querida.

Então aconteceu algo que em apenas um dia a transformou completamente. Era noite e a garota dormia quando de repente sua avó surgiu de pé diante dela; os cabelos brancos caíam-lhe pelos ombros e trazia uma pequena lamparina.

A menina, na cama, olhava para a avó e esperava que falasse.

– Minha querida menina – começou ela – estive observando você todos os dias nessas últimas quatro semanas e você não faz nada a não ser chorar, chorar. Isso não é bom e vim lhe dizer que precisa trabalhar e fazer seus trabalhos de fição; precisa cuidar de nossa casinha e vestir roupas bonitas outra vez. Não deve pensar que, agora, por eu estar morta, não cuido mais de você; estou no céu e sempre a observo lá em cima. Tornei-me seu anjo da guarda e estou sempre com você, da mesma maneira que antes. Volte ao trabalho, querida, e não se esqueça de que a vovó está com você!

Então a avó se foi e a menina adormeceu novamente.

Na manhã seguinte, quando acordou, lembrou-se do que sua avó tinha dito e sentiu-se tomada por uma grande alegria e não mais desamparada. Começou a trabalhar outra vez, vendeu seus trabalhos de fição no mercado e seguiu sempre os conselhos de sua avó.

Tempos depois, muito tempo depois, também não ficou mais sozinha neste mundo. Casou-se com um homem formidável, um moleiro. Agradecia a sua avó por nunca tê-la abandonado e sabia muito bem que, embora tivesse agora uma boa companhia, seu anjo da guarda não a deixaria até o final de seus dias.

8 O medo

25 de março de 1944

Era uma época terrível aquela em que eu vivia. A guerra devastava tudo ao nosso redor e ninguém sabia se estaria vivo no momento seguinte. Meus pais, irmãos, irmãs e eu fomos morar na cidade, mas esperávamos ser evacuados ou ter que fugir de alguma outra maneira. De dia o barulho dos canhões e dos tiros de fuzis era praticamente ininterrupto e as noites eram, de forma misteriosa, repletas de centelhas e explosões repentinas que pareciam vir de alguma profundidade desconhecida.

Não sou capaz de descrevê-la; não me lembro muito claramente daquela agitação, mas sei que eu ficava o dia inteiro presa nas garras do medo. Meus pais tentavam de tudo para me acalmar mas não adiantava. Não sentia nada, nada a não ser medo; não conseguia comer nem dormir – o medo se aferrava ao meu pensamento e ao meu corpo e me fazia tremer. Isso perdurou por cerca de uma semana; veio então uma noite e uma madrugada das quais eu me lembro como se fosse ontem.

Às 20h30, quando a fuzilaria aos poucos tinha parado, eu estava deitada no sofá em meio a um estado de sonolência. Subitamente fomos surpreendidos por duas explosões violentas. Como se tivéssemos sido cravados com punhais, nos levantamos de um salto e corremos para o vestibulo. Até mamãe que normalmente era tão calma ficou pálida. As explosões se repetiam em intervalos bem regulares. Aí então: um estrondo terrível, o ruído de muitos vidros quebrados e um coro ensurdecido de berros e gritos estridentes. Vesti apressadamente as roupas mais pesadas que

pude encontrar, joguei algumas coisas dentro de uma mochila e corri. Corri o mais rápido que pude, continuei correndo para me afastar daquela massa que ardia ameaçadoramente ao meu redor. Por toda parte pessoas corriam gritando de um lado para o outro; a rua era iluminada por uma incandescência vermelha assustadora.

Não pensei em meus pais ou em minhas irmãs e irmãos. Meus pensamentos estavam concentrados em mim e sabia que precisava correr, correr, correr! Não sentia cansaço; meu medo era forte demais. Não percebi que havia perdido minha mochila. Tudo o que sentia e sabia era que não podia parar de correr.

Não seria capaz de precisar o quanto continuei correndo com a imagem das casas queimando, das pessoas desesperadas e seus rostos desfigurados diante de mim. Senti então que tudo havia ficado mais calmo. Olhei em volta e, como se estivesse acordando de um pesadelo, vi que não havia nada nem ninguém atrás de mim. Não havia fogo, bombas e nem pessoas. Olhei mais atentamente e descobri que estava numa campina. Lá em cima as estrelas cintilavam e a lua resplandecia; o tempo estava magnífico, fresco mas não frio.

Não ouvia som algum. Exausta, sentei-me na grama; depois estendi o cobertor que havia trazido comigo e deitei-me sobre ele.

Olhei para o céu e percebi que não tinha mais medo; ao contrário, sentia muita paz interior. O engraçado era que eu não pensava em minha família, nem ansiava por eles; ansiava apenas por descanso, e não demorou muito para que eu adormecesse na grama, sob as estrelas.

Quando acordei o sol estava nascendo. Soube logo onde estava; reconheci à luz do dia as casas nos arredores de nossa cidade. Esfreguei os olhos e dei uma boa olhada em volta. Não havia ninguém ao alcance da vista; os dentes-de-leão e os trevos na grama eram minhas únicas companhias. Deitada de costas sobre o cobertor, fiquei cismando, por algum tempo, sobre o que fazer a seguir. Mas meus pensamentos se desviavam do assunto e voltavam para a sensação deliciosa da noite anterior, quando me sentei na grama e não senti mais medo.

Mais tarde encontrei meus pais e nos mudamos para outra cidade. Agora que a guerra terminou, eu sei por que o meu medo desapareceu sob a amplidão, a amplidão dos céus. Quando estava sozinha com a natureza, eu compreendi – compreendi sem mesmo me dar conta disso – que o medo é uma doença para a qual existe apenas um remédio. Alguém que esteja com tanto medo quanto eu estava naquele momento, deve olhar para a natureza e ver que Deus está mais próximo do que a maioria das pessoas pensa.

Desde então nunca mais fiquei com medo, não importando quantas bombas caíssem perto de mim.

O velho e sábio anão

18 de abril de 1944

Era uma vez um pequeno elfo chamado Dora. Ela era bonita e rica e seus pais a mimavam terrivelmente. Estava sempre rindo. Ria desde manhã cedo até tarde da noite; sentia-se feliz a respeito de tudo e nunca deu a mínima atenção à tristeza ou ao sofrimento.

Na mesma floresta onde Dora vivia, morava um anão chamado Peldron. Em tudo ele era exatamente o oposto de Dora. Enquanto Dora estava sempre sorrindo diante de toda a beleza e bondade ao seu redor, Peldron vivia preocupado porque não havia desgraça suficiente no mundo, e em particular no mundo dos elfos e dos anões.

Certo dia Dora precisou ir até o sapateiro na aldeia dos elfos. E o que acham que aconteceu? Dora encontrou o enfadonho Peldron de cara comprida. Dora era gentil mas, como todos gostavam dela, também era um pouco convencida. Atrevidamente, saiu correndo na direção de Peldron e lhe arrebatou o lindo chapéu de anão e, já distante, ria com o chapéu nas mãos.

Peldron ficou muito zangado mesmo; bateu o pé no chão e gritou:

– Devolve meu chapéu, devolve meu chapéu já!

Mas Dora não fez nada disso, correu mais longe ainda e por fim escondeu o chapéu de Peldron no oco de uma árvore. Depois continuou rapidamente seu caminho até o sapateiro.

Depois de procurar por seu chapéu durante muito tempo, Peldron acabou por achá-lo. Não era capaz de aceitar uma brincadeira, em especial

de Dora, de quem ele definitivamente não gostava. Desanimado, continuou seu caminho. De repente, uma voz grave despertou-o de suas ruminções rancorosas:

– Peldron, sou o mais velho anão deste mundo e também o mais pobre. Por favor, dê-me algum dinheiro, assim poderei comprar algo para comer.

Peldron fez que não com a cabeça.

– Não vou lhe dar nada – respondeu ele. – É melhor você morrer, assim não vai mais precisar suportar as desgraças deste mundo. – E apressado, continuou seu caminho sem mesmo olhar para trás.

Enquanto isso, Dora, ao voltar do sapateiro, também encontrou o velho anão que igualmente lhe pediu esmola. Como Peldron, Dora recusou, mas por outra razão.

– Não vou lhe dar dinheiro algum – disse ela. – Se você é pobre, o problema é seu. O mundo é tão bonito que não posso ser incomodada por pessoas pobres. – E foi-se embora saltitante.

Com um suspiro, o velho anão se sentou num musgo, e ficou a imaginar o que deveria fazer com aquelas duas crianças. Uma era triste demais e a outra alegre demais, e ambas não iriam muito longe desse jeito.

Ora, este venerável anão não era um anão comum; era um feiticeiro, mas não um feiticeiro perverso. Ao contrário, ele desejava que as pessoas e os elfos e anões se desenvolvessem e o mundo prosperasse.

Ficou sentado ali pensando por uma hora. Então se levantou e se dirigiu lentamente para a casa dos pais de Dora.

No dia seguinte ao encontro na floresta, Dora e Peldron viram-se trancados numa pequena choupana. O velho anão os tinha capturado para lhes proporcionar uma educação adequada. O desejo do grande feiticeiro tinha o poder de uma ordem e mesmo os pais não ousavam desobedecê-lo.

O que esses dois iriam fazer naquela cabana? Não lhes era permitido sair nem brigar. Eram obrigados a trabalhar o dia inteiro! Essas tinham sido as ordens do velho anão. Assim, Dora trabalhava, fazia brincadeiras e ria, e Peldron trabalhava, ficava abatido e se sentia triste.

Todas as noites, às 19 horas, o velho anão vinha inspecionar o trabalho realizado e então saía. Os dois ficavam imaginando como poderiam obter a

liberdade. Havia apenas um jeito, e esse era obedecer cegamente ao velho anão.

Não se pode imaginar o quanto foi difícil para Dora ter de olhar o dia inteiro para aquele Peldron de cara comprida; Peldron, só Peldron, de manhã até a noite, e mais ninguém. De qualquer forma não dispunha de muito tempo para conversar com ele, mesmo se tivesse desejado, porque precisava cozinhar (aprendera isso com a mãe), manter a casa limpa e arrumada, e em seu “tempo livre”, se quisesse, podia fazer algum trabalho de fiar.

Peldron, por sua vez, precisava rachar lenha no jardim cercado, cultivar o solo e remendar sapatos, segundo o acordo feito. Às 19 horas, Dora o chamava para jantar e nessa hora os dois estavam tão cansados que mal podiam conversar com o velho anão quando este chegava para sua visita noturna.

Eles permaneceram assim por uma semana. Dora ainda ria com frequência, embora começasse a entender que havia um lado sério na vida. Compreendeu que existiam pessoas que passavam por momentos difíceis, e que não era pedir demais ajudar essas pessoas no infortúnio, em lugar de mandá-las embora com palavras rudes. E Peldron perdeu um pouco de sua melancolia; acontecia mesmo, de vez em quando, de ele assobiar baixinho durante o trabalho ou abrir um sorriso quando via Dora rir.

No domingo, foi-lhes permitido acompanhar o velho anão até a capela da aldeia dos elfos. Prestaram mais atenção às palavras do anão pregador do que haviam feito até então e se sentiram bastante contentes ao caminharem de volta através da floresta sombria.

– Por terem se comportado muito bem – concedeu o velho anão – têm permissão para passar o dia ao ar livre, do jeito que costumavam fazer. Mas, lembrem-se, amanhã retornam ao trabalho. Não podem ir para casa nem visitar seus amigos.

Nem pensaram em fugir correndo; ficaram muito satisfeitos de lhes ter sido permitida a liberdade da floresta, mesmo que apenas por um dia. Durante todo o domingo eles brincaram e se divertiram, observaram os pássaros, as flores e o céu azul e desfrutaram do calor do sol. À noite

retornaram alegremente para a choupana, dormiram até de manhã, e então voltaram ao trabalho.

O velho anão os obrigou a levar esse tipo de vida por quatro longos meses. Todo domingo de manhã iam à igreja, passavam o resto do dia ao ar livre e trabalhavam duro o resto da semana.

Quando o prazo de quatro meses se esgotou, uma noite o velho anão tomou os dois pela mão, caminhou com eles para dentro da floresta e lhes falou:

– Olhem aqui, crianças, estou certo de que muitas vezes vocês ficaram zangados comigo. Penso também que devem estar ansiosos para voltar para casa.

– Sim – respondeu Dora.

– Sim – ecoou Peldron.

– Mas compreendem que isso foi bom para vocês?

Não, senhor, isso eles não compreendiam muito bem.

– Bem, vou explicar: trouxe-os até aqui e deixei-os juntos para ensinar a vocês que existem outras coisas no mundo além do SEU divertimento e da SUA melancolia. Vocês dois serão mais bem-sucedidos na vida do que antes de virem para cá. A pequena Dora tornou-se um pouco mais séria e Peldron se animou um pouco, porque foram obrigados a fazer o melhor possível para viverem juntos. Creio também que gostam mais um do outro do que antes. Você não concorda, Peldron?

– Sim – respondeu Peldron –, gosto bem mais de Dora agora.

– Bem – continuou o velho anão –, vocês podem voltar para seus pais. Mas pensem bem no tempo que passaram na choupana. Apreciem as coisas boas que a vida lhes trouxe mas não esqueçam o sofrimento dos outros e tentem consolá-los. Todos, pessoas, crianças, anões e elfos podem se ajudar mutuamente.

“Sigam seu caminho e não fiquem mais zangados comigo. Fiz por vocês o que pude e foi para o seu próprio bem. Bom dia, crianças, até nos encontrarmos novamente!”

– Adeusinho – responderam Dora e Peldron.

E lá se foram eles embora para suas casas.

Mais uma vez o velho anão sentou-se num musgo. Só tinha um desejo – o de que pudesse guiar todos os filhos dos homens para o caminho certo, assim como tinha feito com aqueles dois.

E assim aconteceu realmente. Dora e Peldron viveram felizes para sempre! De uma vez por todas tinham aprendido a grande lição de que as pessoas precisam rir e chorar, cada um a sua hora. Tempos depois, muito tempo depois, quando já estavam crescidos, foram viver juntos numa casinha, de livre e espontânea vontade, e Dora fazia os trabalhos internos e Peldron os trabalhos externos, assim como haviam feito quando ainda eram muito jovens.

Blurry, o explorador

23 de abril de 1944

Um dia, quando ainda era muito pequeno, Blurry sentiu um grande desejo de fugir aos cuidados exagerados de sua mamãe urso e ver um pouco do resto do mundo sozinho. Durante vários dias ele foi menos brincalhão do que de costume, tão absorvido estava refletindo sobre seus planos. Mas na noite do quarto dia ele se decidiu. O plano estava pronto e esperava somente pela execução. De manhã bem cedo, entraria no jardim – muito suavemente, é claro, pois assim não chamaria a atenção de Mimi, sua pequena dona – então rastejaria através de um buraco na sebe; depois disso, bem depois disso, ele descobriria o mundo! Blurry assim o fez, e de forma tão quieta que só deram por sua fuga sete horas depois de ter acontecido.

Ao rastejar por baixo da sebe, seu pelo ficou manchado de terra e lama, mas um urso que deseja fazer uma viagem de exploração não pode se importar com coisas pequenas como algumas manchas de sujeira no pelo. Assim, olhando sempre para a frente, para não tropeçar no calçamento irregular, Blurry andou rapidamente na direção da rua, que podia ser alcançada pela aleia central do jardim.

Na rua, Blurry ficou um pouco amedrontado diante de tantas pessoas adultas por entre cujas pernas ele desapareceria completamente. “Preciso ficar no canto da calçada”, disse consigo mesmo, “ou vão passar por cima de mim.” E de fato era esta a coisa mais sensata a fazer. Sim, Blurry era inteligente, o que ficava evidente por si mesmo, porque mesmo sendo tão pequenino como era, desejava ver o mundo.

Manteve-se no canto da calçada cuidando para não ser pego por um par de grandes pés que se moviam com rapidez. Mas de repente seu coração começou a bater com força, como se tivesse marteladas dentro do peito.. O que era aquilo? Um grande abismo negro se abria diante dele. Era um porão aberto, mas Blurry nunca tinha visto nada igual e ficou confuso. Será que deveria entrar ali? Aterrorizado, olhou em volta, mas as pernas de calças dos homens e as pernas de saias das senhoras contornavam calmamente o buraco e agiam como se não houvesse nada de errado. Ainda nem bem recuperado do choque, com passos cuidadosos, seguiu o exemplo deles e não demorou muito antes que pudesse continuar.

“Agora estou andando no grande mundo”, pensou Blurry, “mas onde ESTÁ o mundo? Porque, com todas essas calças, saias e meias, eu nada vejo do mundo. Talvez eu seja pequeno demais para descobrir o mundo, mas isso não importa. Se eu comer o meu mingau e engolir o meu óleo de fígado de bacalhau todos os dias (ele estremeceu com a ideia), ficarei tão grande quanto essas pessoas. Continuemos; mais cedo ou mais tarde, de um jeito ou de outro, acabarei vendo o mundo.”

Foi mais adiante, prestando o mínimo de atenção possível naquelas pernas grossas e finas, compridas e curtas, ao seu redor. Mas será que não podia fazer outra coisa, senão andar, andar e andar? Estava ficando com fome e já começava lentamente a escurecer. Blurry não havia pensado em comer e dormir. Estivera ocupado demais com seus planos de exploração para pensar em coisas tão triviais e tão pouco heroicas como comer e dormir.

Suspirando, continuou a andar durante algum tempo até que encontrou uma porta aberta. Hesitou no batente e depois entrou quieto. Estava com sorte porque, depois de passar por uma outra porta, viu dois pires no chão entre pernas de madeira. Um dos pires estava cheio de leite e o outro continha alguma espécie de comida. Esfomeado, Blurry bebeu até a última gota do leite. Depois comeu o alimento delicioso do outro pires e se sentiu completamente satisfeito.

Mas, oh, o que era aquilo? Alguma coisa branca aproximava-se lentamente, com os olhos verdes fixos nele. Bem diante dele, aquela coisa parou e perguntou numa voz baixa e estranha:

– Quem é você, e por que comeu toda a minha comida?

– Meu nome é Blurry; numa viagem de exploração a gente precisa comer alguma coisa. Mas francamente não sabia que era sua.

– Quer dizer então que você está numa viagem de exploração. Mas como foi que você veio descobrir exatamente o MEU pires?

– Porque não vi nenhum outro – Blurry respondeu com um tom de voz hostil. Depois pensou melhor e perguntou de maneira mais amistosa: – Mas qual é o seu nome, e que espécie de estranha criatura é você?

– Meu nome é Muriel e pertenço à família dos gatos angorá. Sou muito valiosa, pelo menos é o que a minha dona sempre diz. Mas sabe, Blurry, estou sempre sozinha e frequentemente me sinto aborrecida. Não gostaria de ficar um pouco comigo?

– Vou ficar e dormir aqui – respondeu Blurry como se estivesse fazendo um favor a Muriel – mas amanhã devo partir e continuar minha exploração do mundo.

Como um início, isso pareceu bastante satisfatório a Muriel.

– Venha comigo – convidou ela. Blurry seguiu-a até uma outra sala onde mais uma vez ele não viu nada mais do que pernas de madeira. Mas ali também havia algo mais. Num canto estava uma grande cesta de vime com uma almofada forrada de seda verde. Muriel saltou para a almofada com os pés sujos, e Blurry pensou que era uma pena estragar as coisas daquela maneira.

– Não devo primeiro me lavar um pouco? – perguntou ele.

– Vou dar um banho em você como dou em mim mesma – replicou Muriel.

Blurry não estava familiarizado com aquele método, e isso foi bom porque, se estivesse, não teria permitido que Muriel começasse.

Nesse momento a gata lhe disse para ficar de pé e ereto e calmamente correu a língua sobre os pés dele. Isso fez Blurry se arrepiar e ele perguntou se essa era a sua maneira habitual de tomar e dar banhos.

– E sim – respondeu ela –, você vai ver como vai ficar limpo. Vai reluzir e um urso reluzente tem livre trânsito em qualquer lugar e assim dispõe de maiores facilidades para descobrir o mundo.

Blurry controlou seus arrepios e não fez qualquer reclamação; urso corajoso.

O banho de Muriel parecia não terminar nunca; Blurry já começava a ficar um tanto impaciente, e seu pé doía por permanecer tanto tempo naquela posição, mas por fim ele reluziu de fato. Muriel acomodou-se novamente no cesto e Blurry, que estava exausto, deitou-se. Em menos de cinco minutos ambos dormiam.

Ao acordar na manhã seguinte, Blurry demorou um pouco para entender onde estava. Muriel ressonava mas Blurry mal podia esperar pelo café da manhã. Sem se preocupar com o conforto de sua anfitriã, sacudiu-a e começou a dar-lhe ordens:

– Por favor, Muriel, sirva-me o café da manhã; estou com uma fome terrível.

A bela gata angorá deu um longo bocejo, espreguiçou-se chegando ao dobro do comprimento normal e respondeu:

– Não, não, você não vai ter mais nada. Minha dona não pode perceber que está aqui; precisa ir embora o quanto antes, pelo jardim.

Muriel saltou para fora da cesta, guiou Blurry através da sala, passaram pela porta até uma outra sala, atravessaram mais uma sala e alcançaram mais uma porta, desta vez de vidro, e viram-se do lado de fora.

– *Bon voyage*, Blurry – despediu-se ela –, até outra vez – e foi-se embora.

Abandonado e já não tão convencido de sua esperteza, Blurry atravessou o jardim e depois, pelo buraco na sebe, ganhou a rua. Para onde iria, e quanto tempo ainda iria demorar para descobrir o mundo? Blurry não sabia. Pôs-se a andar muito lentamente; de repente, uma coisa enorme de quatro pernas veio correndo em sua direção a toda velocidade. Fazia terríveis ruídos de forma que Blurry, quase ensurdecido e tremendo de medo, grudou-se à parede de uma casa. A coisa gigantesca parou e Blurry pôs-se a gritar de medo. O monstro, sem se perturbar com isso, sentou-se e não fez mais do que olhar fixamente para o pobre ursinho com seus olhos grandes. Blurry readquiriu o domínio sobre si mesmo.

– O que você quer de mim? – perguntou.

– Quero apenas olhar para você, porque nunca vi nada parecido em minha vida.

Blurry soltou um suspiro de alívio. Afinal, sempre era possível conversar, mesmo com um ogro como este. Ali estava uma coisa curiosa, pensou Blurry: por que sua pequena dona nunca foi capaz de compreendê-lo? Mas não dispunha de tempo para considerar tão importante questão, porque a fera escancarou a boca, deixando à mostra dentes imensos e cruéis. Isso fez com que Blurry ficasse muito mais arrepiado do que durante o banho dado por Muriel. O que o monstro iria fazer com ele? Logo descobriu, porque a fera, sem a menor cerimônia, agarrou-o pelo pescoço e o arrastou pela rua.

Blurry não podia chorar porque correria o risco de morrer asfixiado; gritar também estava fora de questão. A única coisa que lhe restou foi tremer e isto não dá coragem a ninguém. Agora não precisava mais andar; se seu pescoço não doesse tanto, não teria sido assim tão ruim; era como uma espécie de carona.

Afinal, podia ser pior. Mas você acaba ficando tonto com essa pressão contínua. “Mas onde, onde ele está me levando? Onde...” Blurry, firmemente seguro pelo animal, cochilou. Mas o cochilo não durou muito. A fera de repente se deu conta de que não sabia por que carregava aquela coisa em seus dentes. Descuidadamente, deixou-o cair e foi-se embora correndo. E ali ficou o indefeso ursinho, que queria descobrir o mundo, completamente sozinho com seu sofrimento. Corajosamente, ergueu-se para não ser pisado, esfregou os olhos e olhou em volta.

Muito menos pernas, muito menos pessoas, muito mais sol, e menos pedrinhas sob seus pés. Podia isto ser o mundo? Sua pobre cabeça não tinha espaço para pensamentos; tudo ali doía e latejava. Não queria andar mais. Por que deveria? Muriel estava muito longe, e sua mãe mais longe ainda, e sua pequena dona... Não! Ele tinha seus planos e não iria desistir até que descobrisse o mundo.

Um ruído às suas costas assustou Blurry; ele se virou, desejando ardentemente não ser uma outra fera querendo mordê-lo. Não, era uma garotinha.

– Olhe, mamãe, um ursinho! Posso levá-lo comigo para casa?

– Não, querida, o bichinho está doente. Olhe como está sangrando.

– Não tem importância, mamãe; podemos lavá-lo quando chegarmos em casa. Assim vou ter alguma coisa com que brincar.

Blurry não entendeu uma palavra dessa conversa; ursinhos conhecem apenas a linguagem dos animais. Mas a garotinha loura parecia tão doce que ele não resistiu quando o envolveram num cachecol e o colocaram numa sacola.

Assim, balançando para a frente e para trás, Blurry continuou sua viagem pelo mundo. Depois de terem caminhado por algum tempo, Blurry, ainda envolto no cachecol, foi retirado da sacola e a garota o carregou nos braços. Foi uma sorte, porque agora podia ver a estrada de cima. Que pilhas grandes de pedra, muito altas, com aberturas transparentes aqui e ali! E indo para cima, quase até o céu, havia uma espiral de fumaça. Devia ser uma peça de decoração, assim como a pena no chapéu de sua dona. Não era engraçado?

Lá embaixo, na estrada, alguma coisa fez “tut-tut” e correu muito rápida, embora não tivesse pernas, somente umas coisas redondas infladas. Diga o que quiser, mas valia a pena o trabalho de ir descobrir o mundo! De que servia ficar para sempre em casa? Por que nascemos? Certamente, não era para ficar agarrado para sempre à saia de sua mãe. Não, ver e experimentar coisas, era essa a maneira certa de crescer! Sim, Blurry sabia o que queria.

Por fim, a menina parou diante de uma porta. Entrou e a primeira coisa que Blurry viu foi algo parecido com Muriel. Este chamava-se Puss, se é que Blurry se lembrava corretamente. Puss acariciou as pernas da garota loura mas a menina o afastou e levou Blurry para uma coisa branca. Ficava bem acima do chão; era larga e lisa. Do lado, havia algo de metal reluzente que podia ser girado. E foi isso que a menina fez; depositando-o num lugar desagradavelmente frio. Então a garota começou a lavá-lo, em especial na parte de seu pelo onde aquela fera detestável o havia mordido. Doeu muito e Blurry reclamou, mas ninguém pareceu se importar.

Felizmente, este banho não demorou tanto quanto o que Muriel lhe dera, porém era mais frio e mais molhado. A garota terminou rapidamente a tarefa, secou-o, envolveu-o num cachecol limpo e o colocou numa cama

baixa, exatamente como a que sua pequena dona tinha para ele. Mas por que ir para a cama? Blurry não estava nem um pouco cansado e não queria dormir. Tão logo a garota saiu do quarto ele se esgueirou para fora da cama e, através de um grande número de portas e buracos, ganhou mais uma vez a rua.

“Preciso conseguir algo para comer”, pensou Blurry. Ele farejou: “sim, deve haver alguma coisa boa perto daqui, porque posso sentir o cheiro.”

Seguiu o próprio faro e logo se viu diante da porta, de dentro da qual saía aquele cheiro excelente. Esgueirou-se para dentro da loja, por entre as pernas vestidas de meias de uma senhora. Atrás de alguma coisa grande e alta estavam duas moças. Elas logo o descobriram. Deviam ter trabalhado muito o dia inteiro e queriam uma pequena ajuda, porque o apanharam imediatamente e o colocaram num lugar escuro onde estava muito, muito quente.

Aquilo não era tão mau assim; o principal era que ali podia comer tanto quanto quisesse. No chão, e sobre prateleiras baixas, estavam dispostas algumas fileiras de pãezinhos doces, rocamboles e as mais bonitas massas confeitadas que Blurry já vira. Mas o que, afinal, VIRA Blurry? Não muito, pense nisso. Avidamente, atirou-se àquelas coisas boas e comeu tanto que quase ficou doente.

Então, mais uma vez, examinou atentamente o local. De fato, havia muito para se ver ali; parecia um paraíso para os apreciadores de doces. Em toda parte, pães, rocamboles, tortas e biscoitos à disposição para pegar!

E havia muito movimento por ali. Blurry via muitas pernas brancas, bem diferentes das que vira na rua. Mas não havia muito tempo para devaneios; as moças, que tinham ficado a certa distância, colocaram uma vassoura nas mãos dele e mostraram como usar. Varrer o chão – Blurry sabia tudo sobre isso – tinha visto sua mãe fazer. Mas não era tão fácil quanto parecia. Fez bravas tentativas mas a vassoura era grande e pesada, e a poeira produzia comichões em seu nariz e ele precisava espirrar.

E era tão quente; Blurry se sentia cada vez mais incomodado com o trabalho que não estava acostumado a fazer e com o calor, mas toda vez que

parava para descansar por um minuto alguém o punha de volta ao serviço e lhe dava uma palmada nas costas.

“Se ao menos eu não tivesse entrado aqui tão precipitadamente”, pensou ele, “teria sido poupado de todo esse trabalho duro.” Mas não havia nada que pudesse fazer a respeito. Tinha de varrer e ele varreu. Quando já fazia muito tempo que estava varrendo, tanto tempo que a poeira se juntara num grande monte num canto, uma das garotas tomou-o pela mão e o levou para um lugar onde havia algumas aparas de madeira amarela pelo chão. Disseram-lhe para se deitar e Blurry compreendeu que lhe havia sido permitido dormir.

Espreguiçou-se como se as aparas de madeira fossem uma cama confortável e dormiu até a manhã do dia seguinte. Às 7 horas precisou se levantar, mais uma vez lhe foi permitido comer tudo o que queria, e mais uma vez foi posto para trabalhar. Pobre Blurry, ele não havia nem mesmo descansado. Não estava acostumado a trabalhar e o calor o incomodava terrivelmente. Sua cabecinha, braços e pernas doíam e ele sentia como se todas as partes de seu corpo estivessem inchadas.

Agora, pela primeira vez, começou a querer sua casa, sua mãe, sua dona, sua cama macia e aquela agradável vida ociosa; mas como conseguiria chegar lá? Fugir estava fora de cogitação; mantinham vigilância constante sobre ele; além disso, a única porta que dava para a rua estava na sala onde as duas moças trabalhavam o dia inteiro. Não, Blurry tinha apenas de esperar o momento propício. Seus pensamentos estavam em desordem, ele se sentia tonto e fraco. Tudo à sua volta começou a girar; sentou-se – e ninguém o impediu. Quando se sentiu um pouco melhor, voltou ao trabalho.

Depois de varrer durante uma semana, de manhã até a noite, ele praticamente não conheceu mais nada; ursinhos esquecem rápido e isso é bom. Mas Blurry não havia esquecido sua mãe e sua casa; apenas pareciam tão irreais e distantes!

Certa noite as duas moças que tinham apanhado Blurry leram este anúncio no jornal:

RECOMPENSA PELO RETORNO DE UM PEQUENO
URSO MARROM
QUE ATENDE PELO NOME DE BLURRY

– Você acha que poderia ser esse nosso ursinho? – uma perguntou para a outra. – Ele não trabalha muito; de fato, não se pode esperar isso de uma criatura tão pequenina. Se conseguirmos a recompensa por devolvê-lo ficaremos melhor do que estamos agora.

Correram até os fundos da loja e – Blurry! – Blurry interrompeu o serviço e prestou atenção; alguém o chamara? A grande vassoura escapou de suas mãos; como sabiam o seu nome? As moças se aproximaram e mais uma vez gritaram:

– Blurry!

Ele correu ao encontro delas.

– Sim, o nome dele é Blurry, está tudo certo – uma das moças comentou com a outra. – Vamos devolvê-lo hoje à noite.

Nessa mesma noite, Blurry foi devolvido para sua pequena dona e as moças ganharam a recompensa.

A dona de Blurry deu-lhe uma surra por sua desobediência e depois um beijo porque ele estava são e salvo em casa outra vez. A mãe de Blurry perguntou simplesmente:

– Blurry, por que você fugiu?

– Queria descobrir o mundo – foi a resposta dele.

– E você descobriu?

– Oh, eu vi muitas, muitas coisas. Tornei-me um urso muito experiente.

– Sim, eu sei de tudo isso; mas eu perguntei se você tinha descoberto o mundo.

– Não, não... não de fato; sabe, eu não consegui encontrá-lo!

11

A fada

12 de maio de 1944

A fada de que falo não era uma fada comum, igual a tantas outras que a gente encontra no país das fadas. Oh, não, minha fada era muito especial, especial na aparência e especial na maneira de fazer as coisas. Por que, todos devem estar perguntando, a fada era tão especial?

Bem, porque não se limitava a ajudar alguém aqui e fazer uma brincadeira ali, porque tinha dado a si mesma a tarefa de trazer felicidade para o mundo e para todas as pessoas.

A fada tão especial chamava-se Ellen. Seus pais haviam morrido quando era ainda muito pequena e lhe deixaram muito dinheiro. Assim, Ellen podia fazer as coisas do jeito que achava melhor e comprar tudo o que queria, mesmo quando ainda era uma garotinha. Outras crianças, fadas e elfos teriam ficado mimados vivendo dessa maneira, mas não Ellen.

Enquanto crescia, gastava seu dinheiro apenas para comprar vestidos bonitos e coisas gostosas para comer.

Certa manhã Ellen permaneceu acordada em sua cama macia, imaginando o que fazer com todo aquele dinheiro. “Não posso gastá-lo sozinha”, pensou, “e não posso levá-lo comigo quando morrer. Por que não usá-lo para fazer outras pessoas felizes?”

Era um ótimo plano e Ellen queria pô-lo em prática imediatamente. Levantou-se, vestiu-se, apanhou uma pequena cesta de vime, pôs dentro dela uma parte de um dos seus pacotes de dinheiro e saiu.

“Por onde devo começar?”, perguntou a si mesma. “Já sei. A viúva do lenhador certamente vai ficar satisfeita com uma visita. Seu marido morreu não faz muito tempo e a pobre senhora deve estar passando por dificuldades.”

Cantando, Ellen caminhou pela relva e foi bater na porta da cabana do lenhador.

– Entre! – respondeu uma voz lá de dentro.

Ellen abriu delicadamente a porta e olhou para o interior de uma sala escura. Num canto mais distante, uma senhora sentada numa velha e gasta cadeira de balanço fazia tricô.

Ficou surpresa quando Ellen entrou e foi logo depositando um pequeno monte de dinheiro sobre a mesa. Como qualquer outra pessoa, a mulher sabia que não podia recusar os presentes de fadas e elfos.

– Isso é muito gentil de sua parte, minha pequena – disse ela. – São poucas as pessoas que dão presentes sem esperar nada em retribuição; felizmente o pessoal do país das fadas é exceção.

Ellen olhou para ela espantada.

– O que a senhora quis dizer com isso? – perguntou.

– Quis dizer simplesmente que são poucos os que dão sem desejarem nada em troca.

– Ah, é isso? Mas por que deveria eu querer algo da senhora? Fico contente que minha cesta tenha ficado um pouco mais leve.

– Ótimo! – respondeu a velha senhora. – Sou muito grata a você.

Ellen despediu-se e saiu. Em dez minutos alcançou a cabana mais próxima. Aqui também ela bateu na porta, embora não conhecesse os moradores. Não demorou muito para compreender que o problema ali não era dinheiro. As pessoas não precisavam de coisas – eram pobres de felicidade. A dona da casa recebeu-a amavelmente mas parecia não possuir nenhum brilho; seus olhos eram baços e tinha uma aparência triste. Ellen decidiu ficar um pouco mais por ali.

“Talvez eu possa ajudar esta senhora de alguma outra maneira”, pensou ela. De fato, quando a fada pequena e gentil sentou-se sobre uma almofada

a mulher começou a falar a respeito de seus problemas, sem precisar que lhe fossem feitas perguntas.

Falou do marido perverso, dos filhos malcomportados e de todos os seus outros infortúnios. Ellen ouvia, fazendo uma ou outra pergunta, e ficou muito preocupada com o sofrimento da mulher.

Quando ela terminou sua história, Ellen falou:

– Minha cara senhora, não tenho experiência dessas coisas que me contou e sei menos ainda como ajudá-la. Mas, mesmo assim, gostaria de lhe dar um conselho que eu mesma sigo sempre que me sinto desamparada e triste. Numa bela manhã, dê uma caminhada através da grande floresta até encontrar a charneca. Então, depois de caminhar por algum tempo na urze, sente-se em algum lugar e não faça nada. Apenas olhe para o céu azul e as árvores; vai se sentir cada vez mais serena por dentro e perceberá que nada é assim tão irremediavelmente ruim que algo não possa ser feito para melhorar, um pouco que seja.

– Não – respondeu a mulher – este remédio não vai adiantar, assim como não adiantaram as pílulas que venho tomando.

– De qualquer maneira, tente – insistiu a fada. – Com a natureza por única companhia todas as preocupações nos deixam. Primeiro nós nos acalmamos e depois ficamos satisfeitos e sentimos que Deus não nos abandonou.

– Se isso lhe agrada – tornou a mulher – tentarei qualquer dia desses.

– Ótimo. Se eu puder, passarei aqui novamente na semana que vem nesta mesma hora.

E assim Ellen foi de casa em casa, animando e confortando pessoas; ao final desse longo dia, sua cesta estava vazia e seu coração satisfeito. Sabia que havia empregado melhor o dinheiro do que comprando roupas. Desse dia em diante, Ellen fazia com frequência essas peregrinações. Usava um vestido de flores amarelas, o cabelo preso por um grande laço e no braço carregava a cesta de dinheiro. Era essa sua aparência quando fazia as visitas.

Até mesmo a mulher que tinha dinheiro o bastante, mas problemas demais, começava a se sentir mais feliz. Ellen sabia disso; seu remédio nunca falhava.

A fada fez muitos amigos – não outras fadas e elfos mas adultos e crianças. As crianças lhe contavam tudo e isso lhe dava mais discernimento e capacidade para ter a palavra certa de conforto para cada ocasião.

Mas quanto ao dinheiro, ela havia se enganado no cálculo. Depois de cerca de um ano, tinha sobrado apenas o suficiente para continuar vivendo.

Agora, se alguém pensa que isso fez Ellen ficar triste e desistir de oferecer dádivas, se engana. Ela continuou a dar muito, não dinheiro mas bons conselhos e palavras carinhosas e curativas. Tinha aprendido que mesmo se alguém está completamente sozinho, ainda pode fazer de sua vida algo maravilhoso; e não importa o quanto alguém seja pobre, porque ainda pode proporcionar aos outros muitas riquezas.

Quando Ellen morreu, era uma fada muito velha e nunca houve tanto choro sobre a terra. Mas o espírito de Ellen não se foi. Quando as pessoas dormiam, ela voltava para dar-lhes sonhos alegres; mesmo durante o sono eles recebiam a dádiva dos sábios conselhos dessa querida fada muito especial.

12 Rita

Eram 16h15 da tarde e eu caminhava por uma rua muito tranquila. Acabara de resolver dar um pulo na confeitaria mais próxima quando, de uma transversal, surgiram duas adolescentes conversando animadamente, andando de braços dados na mesma direção que eu.

De vez em quando é interessante e agradável ouvir a conversa de adolescentes, não só porque elas riem de qualquer bobagem mas também porque o riso delas é tão contagiante que todos nas proximidades não podem deixar, mesmo sem querer, de rir com elas.

Assim caminhando furtivamente atrás das duas garotas eu bisbilhotava a conversa relacionada com a compra de balas por 10 centavos. Consultaram uma à outra seriamente sobre o que fazer com o dinheiro que tinham; poderiam dizer que ficavam com água na boca só de pensar nisso. Na confeitaria, continuaram a conversar enquanto olhavam as mercadorias expostas nas vitrines.

Enquanto eu também comia com os olhos todas aquelas guloseimas, sabia qual a escolha que fariam antes mesmo de entrarem na loja. Não havia muito movimento lá dentro e as garotas foram atendidas imediatamente. Escolheram duas tortas de frutas que, para espanto meu, conseguiram levar, sem tocar, para fora da loja.

Pouco depois eu também saía. Novamente as duas caminhavam, conversando em voz muito alta, à minha frente. Na esquina seguinte havia uma outra confeitaria, onde uma garotinha permanecia de pé contemplando a vitrine com olhos ávidos. Logo as três começaram a conversar e cheguei à esquina a tempo de ouvir uma das duas adolescentes perguntar:

– Você está com fome, menina? Quer uma torta de frutas?

A menina menor, é claro, respondeu:

– Quero.

– Não seja boba, Rita – disse a outra adolescente. – Coma rapidamente como eu fiz. Se der sua torta para essa menina vai ficar sem nada.

Rita não respondeu; ficou por algum tempo indecisa, voltando a olhar da torta para a menininha e da menininha para a torta. Então, de repente, deu o doce à criança dizendo:

– Por favor, minha querida, coma isto; de qualquer forma estou indo para casa jantar.

E antes que a menininha pudesse agradecer, Rita e sua amiga desapareceram. Ao passar pela criança, que já tinha dado uma boa mordida na torta, com evidente prazer, esta lhe ofereceu o doce.

– Prove, senhorita; ganhei de presente. – Agradei e, sorrindo, continuei andando.

Quem vocês acham obteve mais satisfação com a torta de frutas – Rita, sua amiga ou a garotinha?

Penso que foi Rita.

13

Jackie

Jackie está na janela de seu pequeno quarto respirando ar fresco. Está agitada e um pouco de ar fresco vai produzindo uma sensação de bem-estar em seu rosto manchado pelas lágrimas.

Foi erguendo o olhar cada vez mais para o alto até que por fim olhou as estrelas e a lua.

“Oh”, pensa Jackie. “Não posso continuar, nem mesmo tenho forças para ficar triste. Paul me deixou, estou completamente sozinha; talvez seja melhor assim. Mas eu não posso continuar, não posso fazer nada, tudo o que sei é que estou desesperada.” E enquanto Jackie contempla a natureza, que lhe aparece naquele dia em todo o seu esplendor, ela vai se acalmando. Enquanto lufada após lufada de vento sopram através das árvores do lado de fora da casa; enquanto o céu escurece e as estrelas se escondem atrás de grandes nuvens espessas, que parecem rolos de mata-borrão na luz vaga e obscura e assumem todas as formas concebíveis, Jackie sente subitamente que seu desespero se foi, que ela ainda é capaz de fazer alguma coisa e que ninguém é capaz de lhe tirar a felicidade que sente. “Ninguém pode fazer isso” – ela sussurra sem saber. “Nem mesmo Paul.”

Depois de permanecer na janela por uma hora Jackie havia se recobrado; ela ainda está triste mas não mais desesperada. Qualquer um que contemple a natureza, que é a mesma coisa que olhar dentro de si, com o tempo e a profundidade necessários serão, assim como Jackie, curados de todo desespero.

14
A vida de Cady

I.

Quando Cady abriu os olhos, a primeira coisa que viu foi que tudo ao seu redor estava branco. A última coisa de que se lembrava com clareza era de alguém gritando com ela... um carro... então ela caiu e tudo ficou escuro. Sentia uma dor aguda na perna direita e no braço esquerdo; sem se dar conta, suspirou suavemente. Logo em seguida um rosto amável sob uma touca branca inclinou-se sobre ela.

– Pobrezinha, está sentindo muita dor? Lembra-se do que aconteceu com você? – perguntou a enfermeira.

– Não, nada...

A enfermeira sorriu. Cady tentou continuar, falava com dificuldade:

– Sim... um carro, caí... depois, nada.

– Apenas me diga seu nome. Assim seus pais poderão vir vê-la e não precisarão mais se preocupar.

Cady ficou visivelmente horrorizada.

– Mas... mas, mas... – foi tudo que conseguiu dizer.

– Não se preocupe, seus pais não estão esperando há tanto tempo assim por você. Só está aqui conosco há cerca de uma hora.

Cady ensaiou um sorriso.

– Meu nome é Caroline Dorothea van Altenhoven, Cady para encurtar. Meu endereço é Zuider Amstellaan, 261.

– Sente muita falta de seus pais?

Cady apenas assentiu com a cabeça. Estava tão cansada e todo o seu corpo tão dolorido; suspirou novamente e adormeceu.

A irmã Ank, que permanecia ao lado da cama no pequeno quarto branco, olhou com ansiedade para aquele rostinho pálido instalado tão tranquilamente sobre o travesseiro como se nada tivesse acontecido de errado. Mas havia algo muito errado. A criança tinha sido atingida por um carro que virara a esquina no momento em que ela atravessava a rua. De acordo com o médico, Cady sofrera uma fratura exposta, o braço esquerdo tinha sido esmagado e algo não ia bem com o pé esquerdo também.

Houve uma batida suave na porta; uma enfermeira fez entrar uma senhora de altura mediana acompanhada de um homem elegante e extraordinariamente alto. A irmã Ank levantou-se; deviam ser os pais de Cady. A Sra. Altenhoven estava muito pálida e olhava para a filha com um olhar amedrontado. Cady não percebeu porque ainda dormia tranquilamente.

– Oh, irmã, conte-me o que aconteceu. Nós esperamos, esperamos, mas nem nos passou pela cabeça um acidente, oh, não...

– Não deve se preocupar tanto, Sra. Altenhoven. Sua filha já recobrou a consciência.

A irmã Ank contou-lhes tudo o que sabia sobre o caso. Fez parecer menos sério do que era na verdade, e isso fez com que ela mesma também se sentisse um pouco mais animada. Talvez a criança afinal se recuperasse.

Enquanto os adultos conversavam, Cady acordou. Quando viu seus pais no quarto sentiu-se muito mais doente do que quando estava sozinha com a enfermeira. Foi assaltada por pensamentos; visões horríveis surgiram diante dela por todos os lados, viu-se aleijada para o resto da vida... com um só braço e toda espécie de visões aterrorizantes.

A Sra. Van Altenhoven percebeu que Cady estava acordada e então se aproximou da cama.

– Está doendo muito? Como você se sente? Quer que eu fique aqui com você? Precisa de alguma coisa?

Cady provavelmente não poderia responder a todas essas perguntas. Apenas assentiu com a cabeça e ansiou pelo momento em que toda aquela

comoção acabaria.

– Papai! – foi só o que pôde dizer.

O Sr. Van Althenoven sentou-se na beira da grande cama de ferro e sem dizer uma palavra ou fazer qualquer pergunta, pegou as mãos da filha entre as suas.

– Obrigada, oh, obrigada... – Cady não disse mais nada; tinha adormecido.

II.

Uma semana se passou depois do acidente. A mãe de Cady vinha vê-la todas as manhãs e todas as tardes, mas não a deixavam ficar muito tempo porque cansava Cady com sua conversa incessante e nervosa. Ficou claro para a enfermeira que cuidava sempre de Cady que a menina se animava muito mais ante a perspectiva de ver o pai do que a mãe.

A enfermeira não tinha muito trabalho com a paciente que havia sido deixada aos seus cuidados. Embora Cady muitas vezes sentisse dores, particularmente quando o doutor a examinava, a menina nunca se queixava e estava sempre contente.

Do que ela mais gostava era de ficar imóvel e sonhar acordada. A irmã Ank sentava-se perto de sua cama com um livro ou trabalho de lã nas mãos. Depois dos primeiros dias, Cady já não dormia tanto. Então ficava satisfeita de conversar um pouco e não havia ninguém com quem gostasse mais de conversar do que com a Irmã Ank, que era calma e falava sempre delicadamente; era sua delicadeza o que Cady mais apreciava. Como agora começava a perceber, era dessa ternura maternal que havia sempre sentido falta. Pouco a pouco, um sentimento de confiança se desenvolveu entre a enfermeira e Cady.

Certa manhã, quando se haviam passado duas semanas e Cady já lhe falara muito de si mesma, a irmã Ank, com muito tato, perguntou a Cady sobre sua mãe. Cady tinha esperado por essa pergunta e ficou satisfeita de poder contar a alguém como se sentia.

– Por que você me pergunta isso? Acha que eu não sou gentil com minha mãe?

– Não, não é bem isso. Mas tenho a impressão de que você não gosta de sua mãe como gosta de seu pai.

– Você tem razão. Não consigo sentir nenhum tipo de afeição verdadeira pela minha mãe e tenho sido muito infeliz por causa disso. Mamãe é tão diferente de mim; isso por si só não tem importância, mas ela não compreende coisas que eu considero importantes e que significam muito para mim. Você pode me ajudar, irmã Ank? Pode me dizer como ser mais gentil com minha mãe, de forma que ela não sinta que eu não gosto tanto dela como de papai? Sei que mamãe tem muito amor por mim; sou sua única filha.

– Sim, sua mãe tem boas intenções. Na minha opinião o que acontece é que não consegue tocar a nota certa. Talvez ela seja apenas um pouco retraída, a seu modo.

– Oh, não. Mamãe não é retraída. Ela acha que seu comportamento está perfeitamente adequado para uma mãe; ficaria muito espantada se alguém lhe dissesse que há alguma coisa de errado no tom que usa comigo. Mamãe não tem a menor dúvida de que a culpa é toda minha. Irmã Ank, você é exatamente a mãe que eu gostaria de ter. Desejo muito uma mãe de verdade, e a mulher que é minha mãe nunca preencherá esse lugar. Estou certa de que o mundo inteiro não tem tudo o que gostaria de ter, embora a maioria das pessoas pense que não desejo nada. Tenho um ar alegre, papai e mamãe se dão bem, satisfazem todos os meus desejos; mesmo assim, uma mãe verdadeira e compreensiva não é uma coisa importante na vida de uma garota? E talvez não só na de uma garota. Como posso saber o que os garotos pensam e sentem? Nunca cheguei a conhecer bem um garoto. Tenho certeza de que eles têm a mesma necessidade de uma mãe compreensiva, mas talvez de maneira diferente. Agora, de repente, me ocorre o que vejo de errado em minha mãe; ela não tem tato. Possui um jeito muito desagradável de falar sobre as coisas mais delicadas, não faz a menor ideia sobre o que se passa dentro de mim e mesmo assim vive dizendo como se interessa pelos

jovens. Ela não sabe o que é paciência e delicadeza; é uma mulher, mas não uma mãe de verdade.

– Você não deve ser tão severa com sua mãe, Cady. Se ela é diferente talvez seja porque tenha sofrido muito. Talvez por isso não goste de falar sobre coisas delicadas.

– Não sei. O que uma filha como eu sabe da vida de seus pais? Sobre a vida de sua mãe? Alguém lhe diz? Mamãe não me compreende e eu não a compreendo. E por isso que nunca houve confiança entre nós.

– E seu pai, Cady?

– Papai conhece mamãe e eu não. Ele compreende mamãe e compreende a mim. Ele é um amor, irmã Ank; tenta compensar o que mamãe não me dá. Só que fica com medo de tocar no assunto e nunca conversa comigo sobre algo que possa envolver mamãe. Um homem pode fazer muito, mas nunca poderia tomar o lugar de uma mãe.

– Gostaria de poder dizer que está errada, Cady, mas não posso, porque sei que você está certa. Penso que é muito triste você e sua mãe serem tão distantes uma da outra em vez de muito amigas. Você acha que as coisas não vão melhorar, nem mesmo quando você ficar mais velha?

De um modo quase imperceptível Cady deu de ombros.

– Irmã Ank, sinto uma falta terrível de uma mãe. Ficaria tão contente de ter alguém em quem pudesse confiar totalmente e que também confiasse em mim.

Cady ficou em silêncio e a irmã Ank assumiu um ar grave.

– Não vamos mais falar sobre este assunto, minha filha, mas fico satisfeita por ter me contado tudo isso a respeito de sua mãe.

III.

As semanas se passaram de maneira um pouco enfadonha para Cady. Muitos amigos e conhecidos vinham vê-la, mas a maior parte do tempo ela ficava sozinha. Agora já se tinha recuperado o suficiente para sentar e ler. Trouxeram para ela uma mesa portátil de hospital e o pai deu-lhe um diário;

ela agora se sentava com frequência para escrever seus pensamentos e sentimentos. Cady nunca se dera conta de que escrever pudesse lhe dar tanto prazer.

A vida no hospital era muito monótona. Todos os dias os mesmos horários, tudo muito pontual, nada de erros. Além disso, era tudo tão calmo. Cady, que não sentia mais dores no braço e na perna, teria apreciado um pouco mais de vida e agitação a sua volta. Mas, apesar de tudo isso, o tempo passava muito rapidamente. Cady jamais ficava entediada, pois ganhara alguns jogos que ela podia manipular sozinha, com a mão direita. E não abandonou os livros da escola. Em vez disso dedicou a eles uma certa parte de seu tempo diário. Há três meses que se encontrava ali, mas em breve essa permanência terminaria. Suas fraturas não eram tão sérias como pareceram a princípio, agora que já se restabelecia normalmente, os médicos recomendaram que fosse para um sanatório a fim de se curar completamente.

Assim, na semana seguinte, a Sra. Van Altenhoven arrumou as coisas de Cady e as duas seguiram numa ambulância; depois de algumas horas chegaram ao sanatório. Lá os dias de Cady ficaram ainda mais solitários. As visitas eram permitidas só uma ou duas vezes na semana, não havia uma irmã Ank e tudo lhe era pouco familiar. Seu único raio de luz era sua saúde que melhorava.

Depois de algum tempo no sanatório, o gesso lhe foi retirado do braço e ela precisou aprender a andar novamente. Isso foi terrível! Apoiando-se em duas enfermeiras, movia um pé, depois o outro, e todos os dias o exercício se repetia. Assim, quanto mais andava mais progredia e suas pernas logo se acostumaram ao movimento.

Foi uma festa quando se sentiu suficientemente bem e já tinha feito progresso bastante para poder sair para o jardim acompanhada de uma enfermeira e apoiada numa bengala.

Quando o tempo estava bom, Cady e a irmã Truus, que sempre a acompanhava, sentavam-se num banco no jardim, conversavam ou, se tivessem trazido um livro, liam alguma coisa. Certo dia entraram na floresta situada fora do jardim e, como Cady gostou demais do novo itinerário, a

enfermeira não fez qualquer objeção. E claro que Cady precisava andar lentamente, e muitas vezes um movimento em falso lhe causava dores, mas todo dia ela ansiava por essa meia hora ao ar livre, que lhe trazia a sensação de que estava boa novamente.

IV.

Depois de três semanas, quando já conhecia de cor todos os caminhos e atalhos, o médico perguntou se ela não achava que seria mais divertido sair para passear sozinha. Cady achou que seria maravilhoso.

– Posso realmente fazer isso?

– É claro que pode. Vá lá para fora e suma para sempre de nossas vistas – brincou o médico.

Assim, quando ficou pronta, Cady pegou a bengala e saiu sozinha. Era uma sensação estranha, pois já estava acostumada a ter a irmã Truus como companhia. Nesse primeiro dia, porém, não lhe foi permitido ir além do portão do jardim. Ao se esgotar o período de meia hora, a enfermeira de plantão viu Cady chegar com as faces mais afogueadas do que de costume e um rosto mais animado.

– Vejo que apreciou o passeio.

Daquele dia em diante Cady era vista todos os dias no jardim; correu tudo tão bem que logo lhe deram permissão para ir um pouco além do portão. A região em volta do sanatório era muito tranquila. Praticamente não havia casas nas proximidades, exceto as mansões, que ficavam a cerca de dez minutos de caminhada dali e também a dez minutos de caminhada uma da outra.

Em um dos atalhos Cady descobriu um banco feito de um tronco de árvore caído. Trouxera consigo algumas mantas para ficar mais confortável. Passou a ir todas as manhãs até esse banco e ali ficava sonhando acordada ou lendo. Quando trazia um livro, muitas vezes ele caía de suas mãos sem que ela tivesse lido mais do que umas poucas páginas. Pensava consigo mesma: não é bem mais interessante simplesmente sentar aqui e olhar em

volta? Não é muito melhor pensar no mundo e em tudo que nele existe do que ler o que acontece com a garota deste livro? E então olhava ao redor, observava os pássaros e as flores, uma formiga que corria em cima de seu pé, carregando um galho minúsculo, e ficava feliz. Depois sonhava com o tempo em que seria capaz de correr e pular novamente e ir aonde quisesse e chegou à conclusão de que o acidente, que tanto sofrimento lhe trouxera, tinha também seu lado bom. Percebeu de repente que ali na floresta, no sanatório e nas horas silenciosas passadas no hospital, havia descoberto algo novo sobre si mesma, que era um ser humano com sentimentos, pensamentos e opiniões próprias, um ser humano separado dos outros, uma pessoa por sua própria conta.

Por que jamais tinha pensado nisso antes, por que nunca lhe ocorrera pensar nas pessoas à sua volta ou mesmo em seus pais?

O que lhe havia dito a irmã Ank? “Talvez seja porque tenha sofrido muito que ela não gosta de conversar sobre as coisas delicadas da vida.” E o que ela mesma havia respondido? “O que uma filha sabe sobre a vida de seus pais?”

Como lhe tinha ocorrido aquela resposta amarga, quando estava certa de nunca haver pensado antes nessa questão? E sendo assim, teria ela dado a mesma resposta hoje? Sua resposta não era verdadeira? O que uma criança sabe sobre a vida das outras pessoas, de seus amigos, de sua família, de seus professores? O que sabe ela sobre eles, além das aparências? Alguma vez havia falado seriamente com um deles? No fundo de seu coração ela se envergonhava, embora não fizesse a mínima ideia de como começar a aprender algo sobre as pessoas. Por isso concluiu: de que me serve a confiança deles se não posso ajudá-los em suas dificuldades? E, embora tivesse consciência de que não sabia como ajudar, também tinha consciência do quanto é confortante ter alguém como confidente; não fazia muito tempo, ela mesma havia sido muito infeliz por não ter alguém com quem pudesse realmente conversar. A solidão esmagadora que ela mesma sentia de vez em quando não era exatamente assim? A solidão não iria embora, se ela tivesse um amigo a quem pudesse contar tudo? E Cady sabia muito bem que

não tinha feito o suficiente, mas que os outros por sua vez nunca haviam se preocupado de verdade com ela.

V.

Cady era animada por natureza; gostava de conversar. Mas, se estava sozinha, não era por falta de oportunidade para conversar. Não, não era isso; a sensação de estar sozinha era outra coisa.

“Ei, olha aí”, Cady disse para si mesma, “agora você está pensando novamente. É melhor ver por onde pisa, ou vai ficar maluca se continuar andando em círculos”. Cady censurou-se mentalmente e não pôde deixar de rir diante da ideia louca de que não havia ninguém por perto para repreendê-la e que provavelmente sentia falta disso e era por essa razão que vivia sempre se censurando.

Súbito, ergueu o olhar; ouviu ruídos de passos se aproximando. Ela nunca havia visto ninguém andando por aquele caminho afastado. Os passos foram se aproximando cada vez mais e então, por entre as árvores, surgiu um rapaz de cerca de 17 anos que lhe deu um cordial bom-dia e continuou andando.

“Quem pode ser ele?”, pensou. “Seria alguém das mansões? Sim, devia ser isso porque não mora mais ninguém por aqui.” Isso liquidou o assunto para Cady e ela se esqueceu por completo do rapaz até que ele apareceu novamente na manhã seguinte e continuou aparecendo todas as manhãs das semanas que seguiram, sempre à mesma hora.

Certa manhã, quando Cady estava sentada em seu banco, o rapaz surgiu de entre as árvores, parou, estendeu a mão e disse:

– Eu sou Hans Donkert; já nos conhecemos há bastante tempo, por que então não travamos de fato relações?

– Meu nome é Cady van Alenhoven e acho gentil de sua parte dar uma paradinha para variar.

– Bem, você compreende, eu não sabia se não ia pensar que eu era um tolo por continuar passando por aqui sem parar ou se estaria tudo bem falar

com você; afinal, fiquei tão curioso que assumi o risco.

– Será que dou uma impressão de ser alguém com quem as pessoas deveriam ter medo de falar? – perguntou Cady com malícia.

– Agora que a vejo bem de perto – respondeu Hans, entrando na brincadeira –, não dá. Mas diga-me o seguinte. A verdade é que eu apenas queria perguntar se você mora em uma das mansões ou se é paciente do sanatório... o que parece pouco provável – acrescentou rapidamente.

– Pouco provável? – Cady não pôde evitar a pergunta. – Mas é claro que estou no sanatório. Quebrei um braço e uma perna e tive o pé esmagado de tal maneira que já estou há seis meses em tratamento.

– Tudo isso de uma vez só?

– Sim, fui suficientemente idiota para me deixar pegar por um carro. Mas não fique aborrecido, não pode ser tão mau assim porque você mesmo não me tomou por uma paciente.

Hans estava de fato muito aborrecido e pensou que seria melhor mudar de assunto.

– Moro na Denegroen House, lá atrás – ele apontou com o indicador. – Você provavelmente deve ficar imaginando por que passo por aqui com tanta regularidade; estou de férias, vim do colégio para casa, mas todas as manhãs vou visitar um amigo porque de outra forma fico entediado.

Cady fez um movimento para se levantar e Hans, vendo o que ela estava prestes a fazer, estendeu a mão, pois percebeu que erguer-se ainda era difícil para ela. Mas Cady era obstinada; recusou a ajuda.

– Não se ofenda, mas preciso tentar me levantar sozinha.

Hans, que desejava ser solícito, apanhou o livro de Cady e isto lhe deu um pretexto para acompanhar aquela garota simpática até o sanatório. Despediram-se no portão como se já se conhecessem há anos e Cady não ficou nem um pouco surpresa ao ver Hans chegar mais cedo do que de costume na manhã seguinte e sentar-se ao lado dela no tronco de árvore.

Falavam sobre muitas coisas mas nunca aprofundavam os assuntos e Cady, que achava Hans extremamente simpático, logo começou a lamentar que a conversa entre eles não tocasse em outros assuntos que não fossem os mais corriqueiros. Certa manhã estavam sentados no tronco de árvore não

muito distantes um do outro. Pela primeira vez a conversa não fluía normalmente. Por fim, cessou completamente e ficaram olhando no vazio. De repente, Cady, que estivera profundamente imersa em seus pensamentos, ergueu o olhar. Tinha a impressão de que alguém a observava. E realmente Hans vinha observando aquele rostinho a seu lado já havia algum tempo. Então os olhos se encontraram e eles ficaram olhando um para o outro por mais tempo do que realmente desejavam; até que, finalmente, Cady percebeu o que estava acontecendo e rapidamente baixou os olhos.

– Cady – a voz dele soou ao lado dela. – Cady, você não poderia me contar um pouco do que se passa dentro de você?

Cady refletiu por alguns instantes; então respondeu:

– É muito difícil, você não compreenderia. Não poderia deixar de pensar que é tolice. – A coragem de Cady de repente se foi, e as últimas palavras foram pronunciadas com voz sumida.

– Tem tão pouca confiança assim em mim? Você acha que não tenho pensamentos e sentimentos que não confiaria a qualquer um?

– É claro que tenho confiança em você, não é isso que eu quero dizer. Mas é muito difícil. Eu mesma não sei o que desejo contar a você.

Ambos olharam para o chão; os rostos estavam sérios. Cady percebeu que Hans estava terrivelmente desapontado; sentindo pena dele, perguntou de repente:

– Você também às vezes se sente muito sozinho, mesmo quando tem amigos por perto, quero dizer, muito sozinho por dentro?

– Acredito que todos os jovens se sintam sozinhos às vezes, algumas vezes mais, outras menos. Eu também me sinto, e até agora nunca fui capaz de conversar com alguém sobre isso. Os garotos não confiam tão facilmente nos amigos quanto as garotas. Ficam muito mais receosos de não serem compreendidos e sofrerem zombaria.

Hans ficou em silêncio e Cady olhou para ele por um momento. Depois disse:

– Constantemente eu fico imaginando por que as pessoas depositam tão pouca confiança nos seus semelhantes, por que são tão relutantes em abrir

seus corações. Às vezes umas poucas palavras podem esclarecer dificuldades e equívocos terríveis.

Novamente passaram mais algum tempo em silêncio. De repente Cady pareceu tomar uma decisão.

– Hans – perguntou –, você acredita em Deus?

– Sim, acredito Nele de todo o coração.

– Tenho pensado muito em Deus ultimamente, mas nunca conversei sobre Ele. Em casa eu aprendi desde muito pequena a fazer uma oração a Deus todas as noites antes de dormir. Era um hábito, da mesma forma que escovar os dentes. Jamais estive realmente com Deus, não penso que de alguma forma Ele estivesse em meus pensamentos, porque naquela época as *pessoas* podiam me dar tudo o que eu necessitava. Agora que sofri esse acidente e fico constantemente sozinha, tenho tempo de sobra para pensar sobre essas coisas. Em uma de minhas primeiras noites aqui, eu me confundi em minha oração e depois me dei conta de que pensava em algo completamente diferente. Fiz, então, uma mudança, comecei a pensar sobre o sentido mais profundo das palavras e descobri que há muitíssimo mais do que eu imaginava nesta aparentemente simples oração de criança. Daí em diante rezei por coisas diferentes, coisas que eu mesma achava belas e não fazia somente uma oração comum. Mas certa noite, semanas depois, me confundi novamente em minha oração; como um raio, um pensamento luziu em minha cabeça: “Vendo que eu nunca havia pensado em Deus quando tudo corria bem, por que deveria Ele me ajudar agora na hora da necessidade?” Esta pergunta permaneceu comigo porque eu pensava que Deus tinha, com toda justiça, o direito de não pensar em mim agora.

– Não posso concordar com você nesse ponto. No passado, quando levava uma vida feliz, você rezava mecanicamente, suas orações eram vazias e raramente pensava em Deus. Mas agora que procura por Ele porque sofre e sente medo, agora que você está de fato tentando ser o que pensa dever ser, tenho certeza de que Deus não vai abandoná-la. Confie Nele, Cady, Ele tem ajudado tantas pessoas.

Pensativa, Cady olhava para cima, para as árvores.

– Mas Hans, como vamos saber se Deus existe? O que e quem é Deus? Ninguém jamais O viu, afinal; às vezes tenho a sensação de que dirigir uma oração a Ele é rezar para o ar.

– Se você me perguntar quem é Deus, eu só posso lhe dizer: ninguém pode responder quem é Deus e com que se parece porque ninguém sabe. Mas se você pergunta: o que é Deus, posso responder: olhe à sua volta, para as flores, as árvores, as feras e os seres humanos e então você vai saber o que é Deus. Essa coisa maravilhosa que vive e morre e que se reproduz e a que chamamos natureza... isso é Deus. Ele criou tudo isso; não precisa fazer qualquer outra ideia Dele. Deus é o nome que os homens dão para este grande milagre; poderiam da mesma forma tê-Lo chamado de qualquer outra coisa. Você não concorda comigo, Cady?

– Sim, eu compreendo, eu mesma já pensei sobre tudo isso. Às vezes, quando o médico no hospital me dizia: “você está fazendo progressos, estou quase certo de que vai ficar boa”, ficava tão agradecida; pondo de lado o médico e as enfermeiras, a quem eu deveria agradecer senão a Deus? Mas por outro lado, quando eu estava sofrendo muito, pensava que aquilo que eu chamava Deus era o Destino. Assim permaneci girando em círculos e jamais cheguei a uma conclusão definitiva. Mas quando perguntei a mim mesma em que eu acreditava realmente, tive a certeza de que acreditava em Deus. Muitas vezes, por assim dizer, peço conselhos a Deus e, quando o faço, tenho a certeza de conseguir a única resposta certa. Mas Hans, essa resposta não deveria de alguma forma sair de mim mesma?

– Como eu já lhe disse, Cady, Deus criou as pessoas e todas as coisas vivas assim como são. Nossa alma e nosso senso de justiça provêm Dele. A resposta que consegue para suas perguntas vem não somente de você, mas também de Deus, porque Ele a fez como é.

– Quer dizer que você acha que Deus fala comigo através de mim mesma?

– Sim, eu acho. E ao falarmos sobre essas coisas, Cady, nós demonstramos uma grande confiança. Dê-me sua mão como sinal de que sempre confiaremos um no outro. Quando um de nós estiver em

dificuldades e quiser conversar com alguém sobre elas então nós dois saberemos para onde nos voltarmos.

Cady deu-lhe a mão e assim ficaram sentados por um longo tempo de mãos dadas, e uma sensação maravilhosa de paz se fez dentro deles.

Depois dessa conversa sobre Deus, tanto Hans quanto Cady sentiram que haviam estabelecido uma amizade que era muito mais profunda do que um estranho poderia suspeitar. Enquanto isso, Cady se habituara tanto a escrever em seu diário, a respeito de tudo que acontecia à sua volta, que logo foi capaz de descrever seus pensamentos e sentimentos até melhor do que em qualquer outro lugar, exceção feita a Hans. Certo dia ela escreveu:

Apesar de ter um verdadeiro amigo, nem sempre me sinto feliz e animada. Será que todas as pessoas estão sujeitas a essas mudanças de humor? Mas se eu fosse sempre feliz, talvez não pensasse bastante sobre todas as coisas que certamente valem a pena ser pensadas.

Nossa conversa sobre Deus ainda permanece em minha cabeça; muitas vezes, enquanto leio na cama ou na floresta, penso: como é que Deus pode falar comigo através de mim mesma? E então toda uma discussão se processa dentro de mim.

Acredito que Deus “fale através de mim” porque antes de enviar as pessoas para o mundo Ele deu a cada uma delas um pouquinho Dele mesmo. É esse pedacinho de Deus numa pessoa que faz a diferença entre o bem e o mal e que fornece as respostas para as Suas perguntas. Esse pedacinho é a natureza no mesmo sentido que o desabrochar das flores e o canto dos pássaros.

Mas Deus também semeou paixões e desejos nos homens e em todos eles estes desejos estão em conflito com a justiça.

Quem sabe? Talvez um dia os homens passem a dar mais ouvidos a esse “pedacinho de Deus” que se chama consciência do que aos próprios desejos.

No dia 3 de setembro, pela primeira vez desde a chegada de Cady, a paz foi quebrada no sanatório.

A uma da tarde, enquanto ouvia o noticiário em seu rádio de cabeceira, ficou horrorizada quando os comentaristas A. e B. anunciaram que o ministro Chamberlain havia declarado guerra à Alemanha. Cady nunca manifestara interesse pela política, o que era perfeitamente normal para uma garota de 14 anos; de qualquer modo também não se sensibilizava com eventos em países distantes. Mas teve um vago pressentimento de que aquela

declaração de guerra também a afetaria algum dia. Quando a enfermeira serviu o chá depois do almoço, transmitiu a notícia aos outros pacientes.

Todos os pacientes que compartilhavam do quarto com Cady estavam em franca recuperação.

No dia anterior ao da deflagração da guerra, uma senhora fora internada na enfermaria. Sua cama ficava ao lado da de Cady. Exceto por um “bom-dia” e um “boa-noite”, Cady não havia trocado uma palavra sequer com aquela doente mas agora, naturalmente, ou* ao lado de Cady ficou em silêncio.

Cady sabia disso e percebeu que as lágrimas escorriam pelo rosto de aparência ainda tão jovem, deixando transparecer tristeza e infelicidade. Não ousava fazer perguntas com medo de perturbar a mulher que estava mergulhada nos próprios pensamentos. Um pouco mais tarde, naquele mesmo dia, Cady estava lendo quando ouviu os soluços de sua vizinha. Imediatamente pôs o livro na mesa de cabeceira e perguntou baixinho:

– Quer que eu chame a enfermeira? Você não se sente bem?

A mulher ergueu os olhos. Seu rosto estava sulcado de lágrimas. Olhou por um momento nos olhos de Cady, e respondeu:

– Não, minha filha, não se preocupe comigo. Tenho um problema que não pode ser resolvido por enfermeiras ou remédios.

Diante disso, Cady sentiu ainda mais pena da mulher. Parecia tão desencorajada e deprimida que depois dessas palavras Cady não pôde ficar tranquila.

– Talvez eu possa ajudá-la.

A mulher, que se deixara cair sobre os travesseiros, sentou-se novamente, enxugou as lágrimas com o lenço e lançou a Cady um olhar amistoso.

– Posso ver que você não está fazendo perguntas por simples curiosidade. Apesar de você ser ainda muito jovem, vou lhe contar o que me faz tão infeliz – ficou então uns instantes silenciosa, lançou ao redor um olhar perdido e depois continuou: – meu filho, é com relação ao meu filho. Ele está num internato na Inglaterra, era para vir para casa no próximo mês, e agora, agora... – os soluços a impediram de continuar.

Cady então completou:

– E agora ele não pode mais voltar?

A resposta foi um débil sinal de assentimento com a cabeça.

– Quem pode saber quanto tempo vai durar esta guerra e o que vai acontecer por lá? Não acredito nessa conversa de que estará terminada em poucos meses. Uma guerra sempre demora mais do que se espera.

– Mas assim tão longe não está havendo luta, a não ser na Polônia. Você não deve se preocupar tanto. – Embora Cady nada soubesse sobre o garoto, sentia que precisava dar alguma resposta às palavras cheias de desencorajamento da mulher. Mas esta não parecia ouvi-la.

– Depois de cada guerra – continuou a mulher – as pessoas dizem “nunca mais”, “foi tão terrível”, “não se deve permitir que aconteça outra vez”. Mas os homens precisam sempre lutar uns com os outros, e é assim que sempre vai ser; enquanto os seres humanos viverem e respirarem continuarão a se desentender e, sempre que estiverem em paz, vão buscar um motivo para brigar novamente.

– Não sei, nunca vivi uma guerra e... mas nós não estamos em guerra; assim tão longe não nos afeta. É claro que o que me contou a respeito de seu filho é muito triste mas, quando a guerra terminar, tenho certeza de que estarão juntos novamente, gozando de boa saúde. Mas... espere um instante. O que impede seu filho de vir agora? As viagens entre a Holanda e a Inglaterra não foram interrompidas. Pergunte ao médico, ele deve saber. Se seu filho partir logo, vai conseguir chegar em casa direitinho.

Cady jamais vira uma tal mudança na expressão de um rosto.

– Você acha realmente? Não tinha pensado nisso; aí vem a enfermeira, vou perguntar a ela.

A enfermeira se aproximou a um sinal de Cady e sua vizinha.

– Irmã – perguntou a mulher –, a senhora sabe se as comunicações entre a Holanda e a Inglaterra foram cortadas?

– Que eu saiba não. Você pretende ir à Inglaterra?

– Não, não é por isso que estou perguntando. Muito obrigada, irmã.

Depois de lançar mais um olhar agradecido a Cady, a mulher virou-se e começou a imaginar o que iria escrever a seu filho.

Eram tempos difíceis para os judeus. A sorte de muitos seria decidida em 1942. Em julho eles começaram a recolher meninos e meninas para serem deportados. Felizmente, Mary, a amiga de Cady, parecia ter sido esquecida. Mais tarde não eram apenas os jovens, ninguém foi poupado. No outono e no inverno Cady viveu experiências terríveis. Noite após noite ouvia carros vindo pela rua, ouvia crianças gritando e portas sendo fechadas. O Sr. e a Sra. Van Althenoven olhavam um para o outro e para Cady à luz da lâmpada e nos olhos deles podia ser lida a pergunta: “Quem eles levarão amanhã?”

Certa noite de dezembro, Cady resolveu ir até a casa de Mary para animá-la um pouco. Nessa noite o barulho na rua estava pior do que nunca. Cady tocou três vezes a campainha dos Hopken e quando Mary veio até a frente da casa e olhou cautelosamente pela janela, Cady gritou seu nome para tranquilizá-la. Quando entrou viu toda a família sentada, esperando em trajes de excursão com mochilas nas costas. Todos estavam pálidos e não disseram uma palavra quando Cady chegou à sala. Estariam eles sentados ali daquela maneira, noite após noite, durante meses? A visão desses rostos pálidos e amedrontados foi terrível. Toda vez que uma porta batia lá fora uma onda de choque percorria as pessoas sentadas ali. Essas portas se fechando pareciam simbolizar o fechar da porta da vida.

Às 22 horas Cady despediu-se. Viu que não adiantava ficar ali, nada havia que pudesse fazer para ajudar ou confortar aquelas pessoas, que já pareciam estar em um outro mundo. A única que mantinha um pouco viva a coragem era a pequena Mary.

De vez em quando fazia sinais com a cabeça para Cady e tentava desesperadamente fazer com que seus pais e irmãs comessem alguma coisa.

Mary levou-a até a porta e fechou os trincos atrás dela. Cady ganhou a rua de volta para casa, iluminando o caminho com uma pequena lanterna. Mal tinha dado cinco passos quando parou imóvel, com os sentidos alerta, ouviu o rumor de muitos passos virando a esquina, um regimento inteiro de soldados. Mal podia ver alguma coisa naquela escuridão mas sabia muito bem quem estava vindo e o que isso significava. Colou-se contra uma parede, apagou a lanterna e desejou ardentemente que aqueles homens não

a vissem. Então, de repente, um deles parou diante dela, brandindo uma pistola e olhando para ela com olhos ameaçadores e uma expressão cruel no rosto.

– Venha!

Foi tudo o que ele disse e imediatamente a agarraram com violência e a levaram.

– Sou uma garota cristã de pais respeitáveis! – conseguiu dizer. Ela tremia toda e imaginava o que aquele bruto iria fazer com ela. A qualquer custo precisava tentar mostrar a ele seu cartão de identidade.

– O que você quer dizer com respeitável? Vejamos seu cartão.

Cady tirou-o do bolso.

– Por que você não disse logo? – perguntou o homem ao olhar o cartão – *So ein Lumpenpack!*

Quando deu por si, Cady estava jogada no chão da rua. Furioso com o próprio erro, o alemão tinha dado um violento empurrão na “respeitável garota cristã”. Sem pensar na dor ou em qualquer outra coisa, Cady se pôs de pé e correu para casa.

Uma semana se passou antes que Cady tivesse a oportunidade de visitar Mary novamente. Mas uma tarde, arranjou um tempo livre, deixando de lado seu trabalho e outros compromissos. Antes de chegar à casa dos Hopken teve a mais absoluta certeza de que não encontraria Mary lá; com efeito, quando alcançou a porta viu que estava selada.

Cady foi tomada pelo desespero. “Quem poderá saber”, pensou, “onde Mary está agora?” Virou as costas e voltou direto para casa. Foi para o seu quarto e bateu a porta. Ainda vestida com o casaco atirou-se no sofá e pensou, pensou em Mary.

Por que Mary foi obrigada a ir embora, ao passo que ela, Cady, pôde permanecer ali? Por que Mary precisava sofrer sorte tão terrível quando *ela* era deixada para se divertir? Que diferença havia entre elas? Era melhor que Mary em algum sentido? Não eram ambas exatamente a mesma coisa? Que crime Mary havia cometido? Oh, isso só podia ser uma terrível injustiça. Subitamente, viu a pequena figura de Mary diante dela, trancada numa cela, vestida em andrajos, com o rosto emaciado e encovado. Seus olhos muito

grandes se voltaram para Cady, tristes e acusadores. Cady não podia mais suportar isso, caiu de joelhos e chorou, chorou, chorou, até seu corpo inteiro tremer. Via sucessivamente diante de si a imagem dos olhos de Mary implorando ajuda, uma ajuda que Cady sabia não poder dar a ela.

– Mary, perdoe-me, volte...

Cady não sabia mais o que dizer ou o que pensar. Porque para a infelicidade que tinha tão claramente diante de seus olhos não existiam palavras. Portas batiam em seus ouvidos, escutava o choro das crianças e na sua frente ela viu um regimento de brutos armados exatamente como aquele que a havia jogado na lama. Entre eles, desamparada e sozinha, Mary, Mary que era igualzinha a ela.

Nota

* Neste ponto do original da autora há uma interrupção no texto. (*N. do. E.*)

Recordações e ensaios

1

Você se lembra?

Recordações dos meus tempos de escola

7 de julho de 1943

Você se lembra? Passei horas felizes falando sobre a escola, nossos professores, nossas aventuras e – os garotos. Quando ainda fazíamos parte da vida cotidiana normal, era tudo simplesmente maravilhoso. Aquele ano no liceu foi de pura alegria; os professores, tudo aquilo que me ensinaram, as brincadeiras, o prestígio, os romances e os garotos queridos.

Você se lembra do dia em que eu cheguei em casa vinda do centro da cidade e havia um pacote na caixa do correio com a inscrição “D’un ami – R?” Não poderia ser de ninguém mais senão de Rob. Embrulhado no pacotinho havia um broche que valia pelo menos dois florins e meio, ultramoderno. O pai de Rob era comerciante desse tipo de coisas. Usei-o durante dois dias mas depois se quebrou.

Você se lembra como Lies e eu denunciávamos a classe? Tínhamos uma prova de francês. Eu estava muito bem preparada mas Lies não. Copiava tudo de mim e eu espiava o trabalho dela – para melhorá-lo! Embora a prova de Lies estivesse um pouco melhor do que a minha, provavelmente por causa da

ajuda que eu tinha dado a ela, o professor resolveu dar um zero bem redondo para nós duas. Que raiva! Fomos nos queixar ao diretor e esclarecer as coisas. Ao final da reunião Lies falou sem pensar: “Mas, note bem, senhor, a classe inteira abriu os livros por baixo das carteiras!” O diretor prometeu não punir a classe, se todos que tivessem copiado suas provas erguessem a mão quando inquiridos. Dez mãos se ergueram, nem a metade do número verdadeiro. Um dia ou dois mais tarde tivemos de fazer inesperadamente a prova de francês outra vez. Lies e eu recebemos “gelo” pela denúncia. Em breve me vi incapaz de suportar esse tratamento e escrevi uma longa carta nos defendendo perante a Classe 16 II e pedindo perdão. Em duas semanas a coisa toda foi esquecida.

A carta era mais ou menos assim:

Aos alunos da Classe 16 II,

Anne Frank e Lies Goosens, por meio desta, vêm oferecer aos alunos da Classe 16 II suas mais sinceras desculpas pela denúncia covarde levada a efeito por ocasião da prova de francês.

Foi uma atitude impensada, sem premeditação, e não hesitamos em admitir que somos as únicas que deveriam ter sido punidas. Somos da opinião que uma pessoa, num acesso de raiva, talvez deixe escapar uma palavra ou frase que traga consequências desagradáveis, mas não se pretendeu com isso causar mal algum. Esperamos que a 16 II olhará esse incidente sob esse prisma e retribua o mal com o bem.

Nada pode ser feito a respeito, e as duas culpadas não podem anular seu crime.

Não escreveríamos esta carta se não nos sentíssemos verdadeiramente arrependidas. Pedimos àqueles que até agora têm nos dado “gelo” para reconsiderarem, porque, afinal, nosso ato não foi assim tão abominável para que sejamos consideradas eternamente criminosas. Imploramos àqueles que não são capazes de passar por cima de nosso erro para nos darem uma censura completa ou, se preferirem, mandar-nos realizar alguma tarefa que, se possível, levaremos a cabo.

Estamos confiantes de que os alunos da Classe 16 II irão esquecer o caso.

Anne Frank e Lies Goosens

Você se lembra como Pim disse a Rob no bonde que Anne era bem mais bonita que Denise, particularmente quando sorria, e como Sanne, que também viajava no bonde, ouviu isso e contou para mim? E que Rob respondeu: “Suas narinas são largas demais, Pim!”

Você se lembra que Maurice queria ir ver papai para perguntar se podia namorar a filha dele?

Você se lembra que Rob e Anne Frank mantiveram uma ativa correspondência no período em que Rob esteve no hospital?

Você se lembra como Sam me perseguia com sua bicicleta, querendo andar de mãos dadas comigo?

Você se lembra que Bram me beijou no rosto quando lhe fiz a promessa solene de não contar a ninguém sobre o comportamento dele e de Suzy?

Oh, como eu gostaria que aqueles dias despreocupados e felizes voltassem!

2

A pulga

Quarta-feira, 7 de julho de 1943

Estamos enfrentando mais uma calamidade por aqui, as pulgas de Mouschi. Não sabíamos que pulgas de gatos podiam subir nas pessoas, mas elas podem.

Ontem peguei uma na parte mais alta de minha perna; dez minutos mais tarde, outra mais embaixo, e à noite, na cama de Dussel, havia outra correndo pela minha perna. Escapou por entre meus dedos. São incrivelmente ligeiras essas criaturas. Esta manhã, quando me vestia diante do armário, outra dessas maravilhas saltou sobre mim. Nunca tinha visto uma pulga que pudesse correr e saltar. Peguei-a, e quase cheguei a esmagá-la, mas a Sra. Pulga conseguiu fugir. Suspirei, retirei minhas roupas novamente, e examinei meu corpo nu e minhas roupas até encontrar a pulga em minha calcinha. Em menos de um segundo cortei-lhe a cabeça.

A guerra das batatas

Quarta-feira, 4 de agosto de 1943

Depois de cerca de três meses de paz, interrompida por eventuais alterações, houve hoje uma grande briga. Aconteceu de manhã, enquanto descascávamos batatas, e foi totalmente inesperada. Vou fornecer o ponto principal da discussão; não fui capaz de acompanhá-la por inteiro porque todos falavam ao mesmo tempo.

A Sra. Van Daan começou a discussão (como sempre), ao dizer que quem não ajudasse a descascar batatas de manhã teria que fazê-lo à tarde. Ninguém respondeu e isso não satisfez em nada os Van Daan, porque no minuto seguinte o Sr. Van Daan disse que o melhor a fazer era cada um descascar as próprias batatas, exceto Peter, porque descascar batatas não era tarefa adequada a um garoto. (Vejam só que raciocínio!)

E o Sr. Van Daan prosseguiu:

– Também não consigo compreender por que os homens deveriam sempre ajudar; é uma divisão muito injusta do trabalho; por que alguns devem prestar mais serviços à comunidade do que os outros?

Nessa altura mamãe interveio, porque compreendeu para onde se encaminhava a discussão:

– Ahá, Sr. Van Daan, vejo onde o senhor quer chegar; vai dizer que as crianças não trabalham o suficiente. Não percebe que, se não é Margot quem está ajudando, é Anne, e vice-versa? Peter também não ajuda mas no caso dele o senhor não pensa ser necessário. Bem, também não penso ser necessário no caso das garotas!

Então o Sr. Van Daan vociferou e a Sra. Van Daan protestou com veemência. Dussel tentou acalmá-los e mamãe gritou. A confusão era terrível, e só restava eu, pobre de mim, a observar nossos pretensos “pais sensatos” literalmente lançando-se aos pescoços uns dos outros.

As palavras fluíam abundantes e rápidas. A Sra. Van Daan acusou Dussel de fazer jogo duplo (também penso assim), o Sr. Van Daan disse qualquer coisa a mamãe sobre espírito comunitário e que trabalhava tanto que eles deveriam sentir pena dele. Então, de repente, começou a berrar:

– Seria mais razoável se as crianças ajudassem um pouco mais em lugar de ficarem com o nariz enfiado nos livros; não há necessidade das garotas aprenderem tanto!

(Ele é moderno, não é?) Mamãe falou, calmamente, que não podia evitar sentir pena do Sr. Van Daan.

Então ele recomeçou:

– Por que as meninas nunca levam as batatas para o andar de cima e por que nunca trazem água quente? Não são assim tão fraquinhas.

– Você está louco! – exclamou mamãe de repente, e isso me assustou, pois jamais pensei que se atreveria a tanto.

O resto de fato não tem importância; não teve maiores consequências. Margot e eu fomos designadas empregadas do Anexo Secreto. Ocorre-me aqui uma expressão vulgar. “Você pode beijar minha...” Porque naturalmente nada disso vai acontecer.

Van Daan também teve a desfaçatez de dizer que o fato de Margot lavar roupa de manhã e de tarde durante o ano inteiro não era em absoluto trabalho.

Quando papai tomou conhecimento do que tinha acontecido, quis correr lá para cima e repreender severamente Van Daan, mas mamãe achou melhor dizer ao homem que se todos devessem se limitar a retirar as próprias castanhas do fogo, então todos deveriam viver com o próprio dinheiro.

Minha conclusão é a seguinte: toda essa confusão é característica dos Van Daan, sempre remexendo os mesmos velhos mingaus. Se papai não fosse tão bom para com essas pessoas poderia fazer com que se lembrassem de que nós e outros literalmente salvamos suas vidas. Num campo de

concentração teriam de fazer coisas piores do que descascar batatas... ou mesmo catar pulgas de gatos.

4 Vilões!

Sexta-feira, 6 de agosto de 1943

Quem são os vilões aqui? Verdadeiros vilões! Os Van Daan.

Qual é o problema agora?

Vou lhe contar.

É a mais pura verdade o fato de termos adquirido todas essas pulgas na casa devido à indiferença dos Van Daan. Durante meses nós os aconselhamos: “levem o gato ao veterinário”, dissemos. A resposta era invariavelmente: “nosso gato não tem pulgas”.

Quando a existência das pulgas ficou devidamente comprovada e a coceira não nos deixava dormir à noite, Peter, que apenas sentia pena do gato, deu uma olhada nele; com efeito, as pulgas saltaram-lhe em cheio no rosto. Ele então se pôs em atividade: penteou o gato com o belo pente da Sra. Van Daan e o escovou com a nossa única escova. E o que apareceu?

Pelo menos uma centena de pulgas.

Pedimos conselho a Koophuis, e no dia seguinte espalhamos um repugnante pó verde por toda parte. Não adiantou. Então arranjamos uma pistola para pulverização com uma espécie de Flit para pulgas. Papai, Dussel, Margot e eu ficamos ocupados por muito tempo; esfregamos, varremos, escovamos e pulverizamos. Tudo ficou cheio daquilo, roupas, cobertores, pisos, sofás, cada cantinho e cada fresta; nada escapou ao Flit.

No andar de cima também, o quarto de Peter. Os Van Daan foram de opinião que isso não era necessário no quarto deles. Insistimos para que o fizessem pelo menos nas roupas, cobertores e poltronas. Disseram que o

fariam. Tudo foi levado para o sótão e supostamente pulverizado. Vocês não vão acreditar! Os Frank são mesmo fáceis de enganar. Nada foi feito, não havia cheiro.

A desculpa foi: “o cheiro do Flit estragaria nossas provisões”.

Conclusão: são eles os culpados por trazerem pulgas. Nós ficamos com o mau cheiro, a coceira e o aborrecimento.

A Sra. Van Daan não pode suportar o cheiro à noite. Finge fazer a pulverização mas volta com as cadeiras, os cobertores etc. para seus lugares sem pulverizar. Deixemos que os Frank se sufoquem com suas pulgas.

Meu primeiro dia no liceu

11 de agosto de 1943

Com muita agitação, conversas e planejamento, por fim tudo ficou acertado de forma que eu pudesse me matricular no liceu e – sem prova de admissão! Eu era uma estudante medíocre em todas as matérias, mais particularmente em matemática, e tremia só em pensar nas aulas de geometria que eu teria de encarar.

No final de setembro, o correio trouxe a tão esperada carta que anunciava a data em outubro, quando eu deveria me apresentar no liceu. Naquele dia choveu a cântaros, e não foi possível ir de bicicleta. Assim juntei-me aos outros no bonde.

Havia uma grande multidão em frente à escola; grupos de meninas e meninos estavam parados por ali conversando; alguns iam de um grupo para outro, reconhecendo amigos e conhecidos e perguntando: “em que classe você está?”

Além de Lies Goosens, não havia encontrado uma única pessoa conhecida que fosse meu colega de turma e essa situação não me pareceu muito agradável. As portas da escola se abriram e em nossa sala de aula recebemos as boas-vindas de uma professora grisalha, com cara de ratinho, que usava vestido comprido e sapatos sem salto.

Ficou parada ali esfregando as mãos, enquanto observava a algazarra diante dela e dava os avisos habituais. A professora fez a chamada, verificou os nomes dos alunos, disse-nos quais os livros que precisavam ser

encomendados e discutiu alguns outros detalhes. Depois fomos dispensados e pudemos voltar para casa.

Para dizer a verdade, fiquei profundamente desapontada; eu tinha esperado pelo menos ver o programa do curso e conhecer o diretor. De fato eu o vi, em um dos corredores, um homenzinho gordo e alegre com bochechas vermelhas, que sorria para todos que passavam e estava ali parado com um outro sujeito da mesma altura, magro, com uma expressão séria no rosto, cabelos sedosos e óculos. Mas eu não podia saber que o homem gordo era o superintendente do prédio e o magro, o diretor.

Em casa fiz um relato entusiasmado de minha experiência mas, para ser honesta, sabia tanto sobre a escola, os professores, os colegas e o programa quanto ao sair de manhã.

As aulas começaram uma semana depois. Novamente caíam fortes pancadas de chuva mas insisti em ir de bicicleta. Mamãe colocou um macacão na sacola dos livros; assim, em nome dos céus, eu não ficaria ensopada, e lá fui eu.

Margot ia na bicicleta num passo incrivelmente rápido e em poucos minutos eu fiquei tão sem fôlego que pedi a ela para diminuir um pouco a velocidade. Mais alguns minutos e as fortes pancadas de chuva transformaram-se num aguaceiro contínuo. Lembrando-me do macacão de mamãe, parei e, com muita dificuldade, vesti aquele traje nada elegante. Montei na bicicleta mas logo o ritmo se mostrou outra vez rápido demais para mim e novamente pedi a Margot para ir mais devagar. Aborrecida, ela disse que no futuro iria preferir andar sozinha; sem dúvida tinha medo de chegar atrasada. Mas chegamos na escola com tempo de sobra e depois de estacionarmos as bicicletas, ficamos algum tempo conversando ao abrigo da arcada que conduzia ao rio Amstel.

Entramos na escola às 8h30 em ponto. No interior, perto da entrada, havia um grande aviso dizendo que cerca de vinte alunos precisariam mudar de classe. Eu era um deles, e me disseram para ir para a Classe 16 II. Isso significava que iria pertencer a uma classe onde praticamente não conhecia ninguém, pois Lies permaneceria na 12 I.

Quando me indicaram a carteira bem no fundo da classe, atrás de garotas maiores do que eu, me senti sozinha e desamparada. No segundo tempo levantei a mão e pedi para mudar de lugar porque não via quase nada a não ser que me inclinasse totalmente para o corredor entre as carteiras.

Meu pedido foi atendido imediatamente, peguei minhas coisas e mudei de lugar. O terceiro tempo era ginástica. A professora parecia tão simpática que pedi a ela para ver se conseguia a transferência de Lies para a minha classe. Como a cara senhora fez isso eu jamais vou saber mas, na aula seguinte, Lies entrou na sala e foi designada para um lugar ao lado do meu.

Agora estava reconciliada com a escola – a escola onde eu teria tantos momentos divertidos e aprenderia muito. Cheia de coragem, prestei muita atenção ao que o professor de geografia estava dizendo.

6

Uma aula de biologia

11 de agosto de 1943

Ela entrou na sala esfregando as mãos; sentou-se esfregando as mãos; esfregando as mãos, esfregando as mãos, esfregando as mãos.

A Srta. Riegel, de Biologia – pequena, grisalha, olhos azul- acinzentados, nariz grande e cara de ratinho. No seu encalço vem alguém carregando um mapa e o esqueleto.

Ela toma o seu lugar atrás da estufa, ainda esfregando as mãos, e começa a aula. Primeiro, faz perguntas aos alunos sobre o trabalho de casa. Oh, a Srta. Riegel sabe muito, muito mesmo, e faz a exposição de maneira engenhosa, começando pelos peixes e terminando nas renas. Seu assunto favorito, segundo Margot, é a reprodução, o que certamente se deve ao fato de a Srta. Riegel ser uma velha solteirona.

Súbito ela é interrompida; uma pequena bola de papel vem voando aterrissar na minha carteira.

– O que você tem aí? – pergunta com um sotaque que revela ser ela originária de Haia.

– Não sei, Srta. Riegel.

– Venha cá e traga esse pedaço de papel.

Eu me levanto timidamente e vou entregar a nota.

– Quem mandou isto?

– Não sei, Srta. Riegel, eu não li.

– Ah, então, antes de mais nada tratemos de fazê-lo.

Desdobra o papel e mostra para mim o conteúdo – uma única palavra, “delatora”. Fico vermelha. A Srta. Riegel olha para mim.

– Agora você sabe quem a mandou?

– Não, Srta. Riegel.

– Você está mentindo.

Sinto que fico cada vez mais vermelha e olho para a professora com uns olhos que sei estão faiscando, mas não digo uma palavra.

– Digam-me quem escreveu esta nota! – falou a Srta. Riegel dirigindo-se para a turma. – Seja quem for, levante o braço.

No fundo da sala um braço se levanta. Como eu pensei – era Rob.

– Rob, venha cá!

Rob agora está diante da professora.

– Por que você escreveu isto?

Silêncio.

– Anne, você sabe o que isto significa?

– Sim, Srta. Riegel.

– Explique!

– Não posso fazer isso numa outra hora? É uma longa história.

– Não. Explique!

Contei a ela sobre a prova de francês e os zeros que Lies e eu tiramos por causa da trapaça, e a maneira como denunciámos a classe.

– Que bela história! E você, Rob, acha necessário dar sua opinião durante a aula? E você, Anne ... eu simplesmente não acredito que você não soubesse de onde tinha vindo esta nota. Os dois, voltem para os seus lugares!

Eu estava furiosa. Em casa, contei toda essa história lamentável nos mínimos detalhes. Algumas semanas mais tarde, eu tive uma queixa justificada acerca da nota que a Srta. Riegel havia colocado no meu boletim e pedi a papai que conversasse com ela a respeito. Ele voltou sem ter conseguido melhorar a nota mas com a informação que de forma equivocada havia chamado a professora de Srta. Riggle durante toda a entrevista. Mais tarde contou que ela achava Anne Frank uma garota muito

boazinha e não se lembrava de que aquele amor de criança um dia havia mentido para ela!

Uma aula de geometria

12 de agosto de 1943

Ele é impressionante quando fica de pé diante da turma – um velho grande e forte, a careca rodeada por uma grinalda de cabelos grisalhos. Usava sempre um terno cinza e um colarinho alto e fora de moda, cujas pontas dobravam-se para fora. Fala com um sotaque peculiar; resmunga e sorri com a mesma frequência. É muito paciente com aqueles que se esforçam mas se enfurece com os mais preguiçosos.

Das dez crianças que foram arguidas, nove responderam de maneira insatisfatória. Ele se dá ao trabalho incessante de explicar, esclarecer os problemas; raciocina com os alunos de forma que eles mesmos sejam capazes de encontrar as respostas. Adora propor charadas e, depois da aula, gosta de falar sobre os tempos em que era presidente de um dos maiores clubes de futebol do país.

Mas Mijneer Keesing e eu frequentemente nos desentendíamos, e sempre devido – sim, devido ao meu hábito de conversar. Em três aulas eu ganhei seis repreensões. Isso foi demais para o professor que, como remédio, prescreveu uma dissertação de duas páginas. O trabalho foi entregue na aula seguinte e Mijneer Keesing, que sabia apreciar uma brincadeira, riu ao lê-la e pareceu se divertir especialmente com este parágrafo:

“De fato, preciso tentar seriamente controlar meu hábito de conversar mas receio que pouco possa fazer a esse respeito, pois o meu caso é hereditário. Minha mãe também adora conversar e transmitiu essa sua

fraqueza para mim. Até agora ela não foi bem-sucedida na tentativa de pôr essa mania sob controle.”

Eu tinha sido instruída a escrever a dissertação sob o título de “Uma tagarela”.

Mas na aula seguinte, mais uma vez fui tentada a cochichar observações com o meu vizinho e Mijnheer Keesing apanhou sua agenda e anotou rapidamente: “Srta. Anne Frank: uma dissertação com o título ‘Uma tagarela incorrigível.’”

Essa composição também foi entregue pontualmente. Entretanto, na aula seguinte de Mijnheer Keesing, repeti meu delito e o professor escreveu em sua agenda: “Srta. Anne Frank: uma dissertação de duas páginas com o título Quá-quá-quá, tagarelou a dona pata.”

O que você teria pensado em meu lugar? Era óbvio para mim que Mijnheer Keesing preparava uma pequena brincadeira; caso contrário, certamente teria me mandado resolver difíceis problemas de geometria. Assim, decidi responder à brincadeira dele com uma brincadeira de minha autoria e, com a ajuda de Sanne Houtman, escrevi a “dissertação” em rima. Aqui está parte dela:

– Quá-quá-quá – disse Dona Quanquanzeira
Chamando seus muitos filhotinhos,
Que vieram rebolando, rapidinhos,
Para ver quem chegava primeiro.
– Mamãe, estamos esfomeados –
Disseram. – Queremos pão,
Que há muito não fazemos refeição!
Estavam mesmo com fome, os coitados.
Disse a mãe então: – Venham comer,
Comam isso, que depois mais lhes vou dar;
Essa comida não foi fácil de arranjar;
Eu a roubei, mas assim mesmo quero ver
Cada um pegar só um pedacinho.

Eram muito espertos os patinhos,
E eram bastante obedientes também.
Mas o almoço foi tumultuado,
E era “piu-piu” e era “quá-quá”.
Mas e aquele dorso eriçado?
Deus nos livre! Um cisne zangado!
– Etc. etc.

Keesing leu a “dissertação”; leu em voz alta para a turma, leu também para outros grupos de estudantes e desistiu. Daí em diante, nos tornamos bons amigos; ele não prestou mais atenção à minha tagarelice e também não me puniu novamente.

P.S.: Em poucas palavras, meu professor de matemática era um homem bondoso. O apelido de “Dona Quanquanzeira” apegou-se a mim e tenho de agradecer a Mijneer Keesing por isso.

Pensionistas e sublocatários

Sexta-feira, 15 de outubro de 1943

Quando tivemos necessidade de alugar o quarto grande dos fundos, foi como se houvéssimos recebido uma violenta rajada de vento, porque nenhum de nós estava acostumado a ter estranhos em nossa casa, sob a forma de pagamento.

Mas, quando os tempos ficam difíceis e recorrer a pensionistas se torna uma necessidade, é preciso engolir o orgulho e muito mais. E foi exatamente o que fizemos. O grande quarto de dormir foi limpo, esvaziado e remobiliado com algumas peças de que pudemos dispor; isso, porém, nem de longe foi o bastante para transformá-lo num quarto de dormir e de estar de alta classe. Meu pai saiu, então, a bisbilhotar todos os leilões e vendas públicas e voltava para casa com uma coisinha hoje e outra amanhã.

Três semanas mais tarde tínhamos uma linda cesta de lixo e uma encantadora mesa de chá, mas ainda precisávamos de duas poltronas e de um armário decente. Meu pai saiu novamente e desta vez, como uma atração especial, levou-me com ele. Ao chegarmos ao leilão, sentamos em bancos de madeira, em companhia de alguns compradores fatigados e de umas figuras de aspecto horrível, e esperamos, esperamos, esperamos.

Podíamos ter esperado até de manhã porque naquele dia só porcelana entrou em leilão.

Voltamos para casa desapontados e no dia seguinte fizemos nova tentativa, sem muita esperança. Mas dessa vez tivemos mais sorte; meu pai arrematou um belo armário de carvalho e duas poltronas de couro.

Para celebrar a mobília nova e os pensionistas que, esperávamos, não demorariam a chegar, tomamos uma xícara de chá com bolo. Depois voltamos alegremente para casa. Mas, espere aí, quando o armário e as poltronas foram entregues no dia seguinte e arrumados no quarto, minha mãe descobriu curiosos buraquinhos no armário; meu pai foi examinar e... não havia dúvida, o armário estava cheio de cupins. Essas coisas não constam do folheto e nem é possível reparar nelas na sala escura do leilão.

Depois dessa descoberta, verificamos as poltronas e também elas estavam cheias de cupins.

Telefonamos para o escritório do leilão e pedimos que retirassem tudo aquilo o mais rápido possível. Eles vieram e minha mãe suspirou aliviada ao ver a mobília saindo pela porta afora. Meu pai suspirou também, mas por causa do dinheiro que perdera no negócio.

Dias mais tarde, meu pai encontrou um amigo que possuía algumas peças de mobília das quais poderia dispor e ficou encantado em nos deixar usá-las até que pudéssemos encontrar coisa melhor. Assim finalmente nosso problema foi resolvido.

Então elaboramos um anúncio, o afixamos na janela da livraria da esquina e pagamos pela semana toda.

Em breve algumas pessoas vieram olhar o quarto. A primeira foi um velho muito distinto que queria o quarto para o filho solteiro. Estava tudo quase acertado, quando o filho pronunciou algumas poucas palavras, e o que ele disse soara tão esquisito que minha mãe começou a desconfiar seriamente que o rapaz tinha um parafuso solto. E mamãe estava certa, porque o próprio velho admitiu constrangido que seu filho não era muito bom da cabeça. Minha mãe mostrou-lhes a porta de saída o mais rápido que pôde. Muitos vieram e se foram, até que certo dia abrimos a porta para um homenzinho gordo que estava disposto a pagar e não era muito exigente; ficamos com ele. Esse cavalheiro na realidade nos deu mais prazer do que aborrecimento. Todos os domingos ele trazia chocolate para as crianças e cigarros para os adultos e por mais de uma vez nos levou a todos ao cinema. Depois de morar conosco durante um ano e meio, arranjou um apartamento para ele, a mãe e a irmã. Certa vez, quando, mais tarde, veio nos visitar, disse

que nunca havia passado um período tão bom como aquele em que morou conosco. Novamente o anúncio ficou pendurado na loja e novamente pessoas grandes e pequenas, jovens e velhas, tocaram a campainha. Uma delas foi uma jovem senhora com um chapéu que parecia do Exército da Salvação; assim, logo passamos a chamá-la de “Josephine Exército da Salvação”. Ficamos com ela. Josephine, porém, não foi uma pensionista tão agradável como o cavalheiro gordo. Em primeiro lugar, era terrivelmente relaxada, largando coisas espalhadas por toda parte; em segundo, o que era pior, tinha um noivo que muitas vezes ficava bêbado e não gostávamos disso em nossa casa. Uma noite, por exemplo, todos nós fomos acordados pela campainha. Papai desceu para ver o que era e quem mais deveria ele deixar entrar senão aquele palerma, bêbado como um lorde, e que ficou dando tapinhas nas costas de meu pai, berrando:

– Somos bons amigos, não somos? Oh, sim, nós somos bons amigos!

Bam! Papai bateu a porta na cara dele.

Quando estourou a guerra, em maio de 1940, nós notificamos a jovem senhora e passamos a alugar o quarto para um amigo, um rapaz de cerca de 30 anos, que estava noivo.

Ele era muito simpático mas também possuía uma desvantagem: era terrivelmente mimado. Quando chegaram os dias frios de inverno, e todos nós precisávamos economizar eletricidade, ele se queixava de que iria morrer de frio. Um exagero vergonhoso, porque o quarto dele era o mais quente da casa.

Mas é necessário ter paciência com pensionistas; assim, permitimos que usasse o aquecedor elétrico por uma hora uma vez ou outra. E qual foi o resultado? O dia inteiro ele mantinha o aquecedor no “quente”. Pedimos e insistimos com ele que fosse um pouco mais econômico mas não adiantou. O medidor subiu incrivelmente e num belo dia minha intrépida mãe retirou o fusível e desapareceu durante toda a tarde. Culpou o fogão dele dizendo que forçava demais o fusível. A partir de então o rapaz teve de ficar no frio.

Também ele ficou conosco um ano e meio; depois disso, se casou e mudou.

Mais uma vez o quarto ficou vazio e minha mãe já ia colocar outro anúncio quando um amigo telefonou e nos fez admitir um homem divorciado, que precisava com urgência de um quarto. Era um homem muito alto, de cerca de 35 anos, que usava óculos; muito pouco agradável de se olhar. Não queríamos desapontar nosso amigo; assim, alugamos o quarto para esse cavalheiro. Também ele estava noivo e a moça vinha frequentemente à nossa casa. Nas vésperas do casamento eles brigaram e ele, impetuosamente, se casou com outra moça.

Nessa época nós nos mudamos, e assim nos vimos livres de nossos pensionistas (para melhor, eu espero)!

Sonhos de estrelato no cinema

24 de dezembro de 1943

(Isto foi escrito como uma resposta “secreta” para as perguntas da Sra. Van Daan, que nunca se cansava de me perguntar por que eu não queria me tornar uma estrela de cinema.)

Tinha 17 anos, era uma garota atraente de olhos namoradores e opulentos cachos de cabelos escuros – uma adolescente cheia de ideais: ilusões e sonhos. De um jeito ou de outro, chegaria o dia em que meu nome estaria em todos os lares e minha fotografia ocuparia um lugar de destaque no álbum de todo brotinho de olhos tristes.

As perguntas acerca de como eu iria conseguir fama e em qual atividade não me aborreciam. Quando tinha 14 anos costumava pensar: “Isso virá no devido tempo”, e aos 17 ainda pensava assim. Meus pais não sabiam de meus planos grandiosos e eu era esperta o bastante para guardá-los para mim. Tinha a impressão que seria melhor, se um dia eu me tornasse uma celebridade, experimentar as coisas por mim mesma, antes de compartilhar minhas aventuras com papai e mamãe. Suspeitava de que não ficariam muito entusiasmados com tal transformação.

Não se deve pensar que eu levava esses meus sonhos demasiadamente a sério ou que não pensava em mais nada. Pelo contrário, sempre fui aplicada na escola e, além disso, lia muito por puro prazer. Aos 15 anos tinha terminado o curso de segundo grau. Agora, de manhã eu frequentava uma

escola de especialização para o ensino de línguas estrangeiras e de tarde fazia o trabalho de casa ou jogava tênis. Um dia (de outono) estava em casa arrumando um armário e, no meio de uma pilha de trastes, achei uma caixa de sapatos com as palavras ESTRELAS DE CINEMA escritas em letras grandes na tampa. Lembrei-me de que meus pais haviam me mandado jogá-la fora e que eu a tinha escondido com cuidado para que ninguém a encontrasse.

Curiosa, ergui a tampa, retirei os muitos pacotinhos de seu interior, soltei os elásticos que envolviam cada um deles. Fiquei tão fascinada ao olhar mais uma vez todos aqueles rostos maquilados, que me assustei quando horas depois alguém deu um tapinha no meu ombro me chamando para ir tomar chá. Estava sentada no chão, rodeada por montinhos de recortes de jornais e revistas.

Mais tarde, ao arrumar o quarto, separei a caixa das estrelas de cinema. Naquela noite, continuei meu exame e descobri algo que me deixou tão impressionada que não pude tirar da cabeça.

Era um envelope cheio de fotografias de uma família de atores de cinema, na qual as três filhas eram estrelas. Consegui o endereço das garotas, cujo sobrenome era Lane. Imediatamente peguei uma folha de papel e uma caneta e comecei a escrever uma carta para a mais nova das irmãs – Priscilla Lane.

Secretamente pus a carta, escrita em inglês, no correio. Nela contei a Priscilla que adoraria ter uma foto dela e também de suas irmãs, e pedi para que não deixasse de me responder porque eu estava muito interessada na família.

Esperei mais de dois meses; embora não quisesse admitir, já tinha perdido a esperança de receber a resposta à minha carta. Não havia nada de surpreendente nisso, porque compreendi que se as Lane respondessem todas as cartas e mandassem fotografias para seus admiradores, todo o tempo de que dispunham teria de ser dedicado à correspondência. Mas foi então que meu pai certa manhã entregou-me uma carta endereçada à “Srta. Anne Franklin.”

Apressadamente abri e li a carta. Minha família ficou muito curiosa e, depois de contar a eles sobre a minha carta, li a de Priscilla em voz alta.

Dizia que não enviaria as fotografias antes de saber um pouco mais sobre mim, mas que estaria mais inclinada a fazê-lo, se eu escrevesse falando mais detalhadamente sobre mim e minha família.

Escrevi a Priscilla dizendo que sinceramente eu estava mais interessada em sua vida pessoal do que em sua carreira cinematográfica. Queria saber, entre outras coisas, se ela saía muito à noite; se Rosemary precisava trabalhar tanto quanto ela etc. Mais tarde ela me pediu que a chamasse pelo apelido de Pat. Priscilla parecia ficar tão satisfeita com as minhas cartas que respondia fielmente a cada uma delas.

Como a correspondência era naturalmente feita em inglês, meus pais não puderam fazer qualquer objeção, pois era evidente que me proporcionavam uma boa oportunidade de praticar. Em suas cartas, Priscilla me contou que passava a maior parte dos dias no estúdio e deu-me uma ideia de como dividia seu tempo. Corrigia os erros e mandava minhas cartas de volta, sob a condição de eu as enviar novamente para ela. Nesse meio-tempo mandou-me uma grande coleção de fotografias.

Priscilla tinha 20 anos, não era casada e nem estava comprometida, mas isso não me perturbava nem um pouco. Estava imensamente orgulhosa de minha amiga, a estrela de cinema.

Assim passou o inverno. No final da primavera chegou uma carta dos Lane, na qual Priscilla perguntava se eu gostaria de ir aos Estados Unidos e passar dois meses no verão hospedada com eles. Pulei de alegria, mas não havia contado com as objeções de meus pais. Eu não poderia aceitar o convite; era impossível para mim viajar sozinha para a América, não tinha roupas suficientes; não podia ficar fora tanto tempo e todo o resto de preocupações que ocorrem a pais e mães carinhosos nessas ocasiões. Mas eu já me decidira a ir para a América e não deixaria de ir.

Contei a Priscilla todas as objeções de meus pais e, para minha satisfação ela solucionou cada uma delas. Em primeiro lugar, eu não teria de viajar sozinha. A acompanhante de Priscilla, que visitava parentes em Haia, iria me

levar com ela para os Estados Unidos. Quanto à viagem de volta para a Holanda, Priscilla pensaria numa acompanhante quando chegasse a hora.

Meus pais ainda objetavam: nem eu nem eles conhecíamos de fato a família Lane, disseram, e era mais do que provável que eu não me sentisse inteiramente à vontade em sua casa. Eles me frustravam; era quase como se estivessem me negando essa rara oportunidade. Aleguei que seria um insulto recusar um convite tão gentil. Após terem recebido uma amável e tranquilizadora carta da Sra. Lane, eles finalmente resolveram o assunto a meu favor. Trabalhei com afinco nos meses de maio e junho. Quando Priscilla escreveu dizendo que sua dama de companhia chegaria a Amsterdã no dia 18 de julho, os preparativos para minha viagem foram concluídos.

No dia 18, papai e eu fomos esperar a senhora na estação. Priscilla havia me enviado uma fotografia e eu pude reconhecê-la imediatamente, entre os muitos passageiros que desciam do trem. A Srta. Halwood era uma mulher pequenina, de cabelos louros acinzentados, que falava muito e rapidamente. Aparentava ser uma pessoa muito amável.

Papai, que já estivera uma vez na América e falava bem o inglês, conversava com a Srta. Halwood e eu me aventurava a fazer de vez em quando uma observação. Tinha sido acertado que ela ficaria conosco por uma semana. Esse tempo passou rápida e auspiciosamente e não demorou nem um dia para que a Srta. Halwood e eu nos tornássemos boas amigas.

No dia 25 de julho, eu estava tão excitada que nem consegui tomar o café da manhã. Mas a Srta. Halwood, que era uma viajante experiente, não mostrou sinais de agitação. Toda a família foi nos levar ao Aeroporto Schiphol e, finalmente, finalmente, minha viagem para a América começou.

Chegamos às imediações de Hollywood na noite do quinto dia. Priscilla e sua irmã Rosemary, um ano mais velha, foram nos receber. Como eu estava um pouco cansada da viagem, fomos de carro para um hotel perto do aeroporto. No dia seguinte, depois do café da manhã, entramos novamente no carro, que era dirigido por Rosemary.

Em pouco mais de três horas, chegamos à casa dos Lane, onde fui recebida com muita cordialidade.

A Sra. Lane mostrou o meu quarto, que era na verdade um pequeno e encantador apartamento, com uma sacada. Esse viria a ser então o meu lar pelos próximos dois meses.

Não foi difícil me sentir à vontade na hospitaleira casa dos Lane. A rotina diária era de muito trabalho e muito divertimento; as três jovens e famosas atrizes, a propósito, ajudavam mais sua mãe do que eu, uma adolescente comum, cheguei algum dia a fazer. Logo me habituei a falar inglês. Nas primeiras duas semanas, Priscilla estava livre e me mostrou grande parte dos belos arredores. Íamos à praia quase todos os dias e aos poucos passei a conhecer pessoas das quais tinha ouvido falar ou lido a respeito.

Uma das melhores amigas de Priscilla era Madge Bellamy, que frequentemente nos acompanhava em nossos passeios pelas vizinhanças.

Ninguém que nos visse juntas pensaria que Priscilla era mais velha do que eu; ela me tratava como alguém de sua idade. Ao acabarem suas duas semanas livres, precisou voltar aos estúdios da Warner Brothers e – oh, que felicidade! – permitiram que eu fosse com ela. Visitei-a em seu camarim e vi Priscilla ensaiando.

Naquele dia o ensaio terminou mais cedo e fomos conhecer o estúdio.

– Anne – disse ela pouco depois –, acabei de ter uma ideia maravilhosa. Amanhã de manhã, você vai ao escritório onde garotas bonitas pedem emprego e perguntam ao encarregado se existe algo que possam fazer. Só de brincadeira, é claro.

– Sim, eu gostaria de ir – respondi.

No dia seguinte, fui realmente ao tal escritório. Era um lugar incrivelmente movimentado; as garotas formavam uma fila no corredor. Juntei-me a elas e em meia hora estava dentro do escritório. Mas isso não significava que era a minha vez; havia ainda muitas garotas na minha frente. Mais uma vez esperei, agora por cerca de duas horas. Soou uma campainha: era para mim! Corajosamente entrei na sala onde um homem de meia-idade estava sentado atrás de uma mesa. Ao perguntar meu nome e endereço, pareceu surpreso que eu fosse hóspede dos Lane. Acabadas as perguntas de praxe; examinou-me mais uma vez e perguntou:

– Você deseja ser uma estrela de cinema, certo?

– Sim, senhor, se eu tiver o talento necessário. – Apertou um botão. Uma moça elegantemente vestida entrou na sala e, sem dizer uma palavra, me pediu, com um gesto, que a seguisse. Abriu uma porta e a luz forte que havia no interior da sala me fez piscar. Um rapaz atrás de uma aparelhagem complicada cumprimentou-me de forma mais amável do que o anterior e disse para eu me sentar num banco alto. Tirou várias fotos; depois tocou uma campainha para chamar a moça e fui levada novamente até o homem mais velho, que prometeu me enviar uma resposta se eu deveria voltar ou não ao estúdio.

Encorajada, encontrei o caminho de volta para a casa dos Lane. Uma semana depois recebi um bilhete do Sr. Harwick (Priscilla havia me dito seu nome). Dizia que as fotos haviam ficado muito boas e me pedia para comparecer em seu escritório às 15 horas.

Agora, de posse de um convite, fizeram-me entrar imediatamente. O Sr. Harwick perguntou se eu posaria para um fabricante de raquetes de tênis. O emprego era apenas por uma semana. Porém, depois de ter sido informada que receberia um pagamento, concordei satisfeita. O Sr. Harwick entrou em contato com o fabricante que eu conheci naquela mesma tarde.

No dia seguinte fiz minha estreia num estúdio fotográfico, onde eu teria de me apresentar todos os dias durante uma semana. Precisava mudar de roupa em minutos; precisava ficar de pé, sentar e sorrir sem parar; andar de um lado para o outro, mudar de roupa novamente, estar bonita e retocar a maquiagem. A noite eu estava tão cansada que precisei me arrastar até a cama. No terceiro dia, até sorrir era dolorido, mas achei que precisava ser fiel ao meu fabricante.

Quando cheguei em casa na noite do quarto dia, devia estar com uma aparência tão horrível que a Sra. Lane me proibiu de voltar ao trabalho. Ela mesma entrou em contato com o homem e conseguiu que ele me dispensasse.

Estava profundamente agradecida. Imperturbável, aproveitei muitíssimo o resto dessas minhas férias inesquecíveis. Quanto aos sonhos de estrelato no

cinema, fiquei curada. Tinha visto de perto o modo como vivem as
celebridades.

10

Domingo

Domingo, 20 de fevereiro de 1944

O que acontece durante a semana nas casas das outras pessoas, aqui no Anexo Secreto acontece aos domingos. Enquanto as outras pessoas vestem suas roupas bonitas e vão passear ao sol, nós aqui esfregamos, varremos e lavamos roupas.

8 horas: Sem a menor consideração pelos que dormem até mais tarde, Dussel se levanta. Vai para o banheiro, depois desce para o andar de baixo, depois sobe novamente e depois no banheiro toma um longo banho que demora uma hora inteira.

9h30: O fogão está aceso. As cortinas para o blecaute são abaixadas e os Van Daan ocupam o banheiro. Uma de minhas torturas numa manhã de domingo é que, ao ficar na cama, tenho de olhar diretamente para as costas de Dussel quando ele está rezando. Todos riem quando digo como é terrível ter de ficar olhando Dussel rezar. Não é que ele chore ou fique sentimental, não, absolutamente, mas é o jeito que ele tem de oscilar dos calcanhares para as pontas dos pés e vice-versa durante um quarto de hora, ah, sim, um quarto de hora. Para trás e para a frente, para trás e para a frente, sem parar. Se não fecho os olhos, isso faz minha cabeça girar.

10h15: Os Van Daan assobiam, o banheiro está livre. Em nosso andar os primeiros rostos sonolentos erguem-se de seus travesseiros. Então tudo passa a acontecer muito rápido, rápido, rápido. Margot e eu nos revezamos para ajudar na lavagem. Ao vermos que está um frio cortante lá embaixo, ficamos contentes por estar usando calça comprida e cachecol em volta da cabeça.

Enquanto isso, papai está ocupado no banheiro; às 11 horas Margot (ou eu) entramos no banheiro e então ficamos limpas novamente.

11h30: Café da manhã. Não direi nada mais sobre esse assunto, porque já basta o falatório sobre comida sem a minha contribuição.

12h15: Cada um faz uma coisa diferente. Papai de macacão se põe de joelhos e escova tanto o tapete que a sala fica envolta numa grande nuvem de poeira. Dussel arruma as camas (muito mal, naturalmente), enquanto assobia o mesmo velho concerto para violino de Beethoven. Pode-se ouvir através do chão mamãe arrastar os pés enquanto pendura a roupa lavada.

O Sr. Van Daan põe o chapéu e desaparece nas áreas inferiores, seguido normalmente por Peter e Mouschi. A Sra. Van Daan veste um longo avental, um colete preto de lã e galochas; amarra um grosso xale de lã vermelha em volta da cabeça, põe uma trouxa de roupa imunda embaixo do braço e, depois de uma mesura de lavadeira bem-ensaiada, dirige-se também para as tinas.

Margot e eu lavamos os pratos e arrumamos um pouco o quarto.

12h45: Quando tudo está seco e sobraram apenas as vasilhas e as panelas, desço para tirar o pó e, se lavei roupa de manhã, para limpar as tinas.

13 horas: Noticiário.

13h15: Um de nós tem o cabelo lavado ou cortado. Depois todos ficamos ocupados descascando batatas, pendurando roupas lavadas, encerando a escada, esfregando o banheiro etc., etc.

14 horas: Depois do comunicado da Wehrmacht, esperamos o programa de música e o café e tudo fica calmo novamente. Quem poderá explicar por que os adultos aqui precisam dormir o tempo todo? Às 11 horas veem-se alguns deles bocejando e com muita frequência ouço-os suspirarem: “Oh, se eu pudesse apenas esticar o corpo por meia hora!”

É a mais pura verdade, entre 14 e 16 horas não se vê nada além de rostos sonolentos onde quer que se vá. Em nosso quarto, Dussel; na sala, papai e mamãe, e no andar de cima os Van Daan que trocam o lugar de dormir na parte da tarde. Oh, bem, isso não pode ser evitado, talvez eu venha a entendê-los quando tiver a idade deles.

De qualquer forma eles dormem ainda mais aos domingos. Não adianta ir até lá em cima antes das 16h30 ou 17 horas porque estão todos na terra dos sonhos.

O final da tarde é o mesmo dos dias de semana, exceto pelo concerto das 18 às 19 horas.

Uma vez que tenhamos comido e tomado banho fico feliz porque outro domingo se foi.

Meu primeiro artigo

22 de fevereiro de 1944

Imagine que o assunto de meu primeiro artigo soubesse que iria ser usado como “material” – não ficaria vermelho e perguntaria: “Por que eu? O que há de tão interessante em mim?” Deixe-me pôr as cartas na mesa: Peter é o meu assunto e agora vou contar como isso me ocorreu.

Queria escrever sobre alguém e como já havia descrito a maioria das pessoas da casa, pensei em Peter. O rapaz sempre se mantinha em segundo plano e, assim como Margot, nunca provocava dissensões.

Se, ao anoitecer, alguém batesse na porta do quarto de Peter e o ouvisse responder um suave “Entre!”, podia ter a certeza de que ao abrir a porta o encontraria olhando em sua direção através dos dois degraus da escada até o sótão e dizendo “Então!”, num tom gentil e convidativo.

Seu pequeno quarto – o que é ele na verdade? Penso que é um corredor que conduz ao sótão, muito estreito e com muita corrente de ar, mas Peter o transformou num quarto. Quando se senta à esquerda da escada, certamente não sobra mais do que um metro entre ele e a parede. Ali fica sua mesinha, assim como a nossa, abarrotada de livros (alguns degraus da escada também contêm objetos seus) e uma cadeira.

No outro lado da escada, sua bicicleta está pendurada no teto. Atualmente sem utilidade, está envolvida com cuidado em papel pardo, mas uma pequena corrente, pendendo de um dos pedais, está visível. Esse canto se completa com uma luminária ultramoderna, feita de um pedaço de cartolina coberta com tiras de papel.

Ainda estou parada no limiar da porta e agora olho na outra direção. Encostado na parede – quer dizer, do lado oposto a Peter e atrás da mesa – está situado um velho divã coberto com um tecido de flores azuis; as roupas de cama estavam escondidas atrás do móvel (mas sem sucesso). Acima do sofá-cama pendia outra luminária, decorada de maneira semelhante e fazendo par com a primeira. Um pouco mais adiante, há uma pequena estante repleta de livros de cima até embaixo, livros encapados que somente poderiam pertencer a um rapaz. Um espelho de mão está preso na parede ao lado da estante. Provavelmente porque o dono não sabia onde pudesse guardá-la, havia no chão uma pequena caixa de ferramentas. (Sei por experiência que coisas como um martelo, uma lâmina ou uma chave de parafuso que alguém possa precisar podem ser encontradas em suas profundezas.)

Perto da estante, uma prateleira forrada de papel, que um dia foi branco, foi originalmente imaginada para conter coisas tais como garrafas de leite; foi, porém, transformada num anexo da biblioteca. Toda ela gemia sob o peso dos livros. As garrafas de leite passaram a ser vizinhas da caixa de ferramentas, no chão.

Na terceira parede está pendurada uma caixa de madeira que outrora talvez tivesse servido de recipiente para laranjas ou cerejas, mas que agora serve como armário para objetos tais como pincel de barba, aparelho de barbear, um rolo de emplastro, um vidrinho de laxante... Ao lado do armário fica o ponto alto da engenhosidade da família Van Daan – um guarda-roupa feito com folhas de papelão, presas por dois ou três montantes de algum material mais resistente. Na frente do guarda-roupa pende uma cortina realmente bonita, que Peter conseguiu de sua mãe à custa de muitos agrados. O guarda-roupa está cheio de ternos, sobretudos, meias, sapatos e congêneres. Os trastes amontoados em cima do armário estão tão misturados que não sou capaz de reconhecer um só deles.

Também vale a pena observar os revestimentos de chão do Sr. Van Daan, Jr. Ele possui um tapete persa pequeno e dois grandes, autênticos, de cores tão extraordinárias que qualquer um que entre neste quatinho repara neles. Esses tapetes, que outrora devem ter custado muito dinheiro, estão sobre um

piso tão pouco seguro e irregular que só se pode andar sobre ele com a máxima precaução.

Duas das paredes são revestidas de juta verde; as outras duas estão generosamente emplastadas de fotografias de estrelas de cinema mais ou menos bonitas e cartazes de propaganda. Manchas de gordura e chamosco não causariam surpresa, por ser esperado que, com tanto trambolho num espaço tão pequeno, é certo que uma coisa ou outra fique suja em um ano e meio. O vigamento do teto também não se encontra mais em boas condições, pois existem goteiras no telhado e o quarto de Peter fica no sótão. O rapaz espalhou algumas folhas de cartolina para aparar os pingos, mas as inúmeras manchas de água mostram que essa proteção não é lá muito adequada.

Agora, creio que percorri todo o quarto; esqueci apenas as cadeiras. Uma delas é velha, de madeira, com braços, em estilo vienense com assento de palhinha; a número dois é uma cadeira branca de cozinha da qual Peter se apropriou no ano passado. Ele começou a descascar a pintura, provavelmente com o objetivo de pintá-la novamente, mas não foi muito bem-sucedido e parou. E assim, parte descascada, parte branca e parte preta, e com apenas uma trave (a outra nós usamos como atiçador de fogo) o móvel não é nada bonito. Mas, como ele disse, o lugar não é muito claro, e o pobre traste não chama muito a atenção.

A porta para a escada da cozinha é ornada com aventais; há também ganchos com panos de pó e uma escova. Depois de tudo isso, todos devem estar conhecendo cada cantinho e cada fresta do quarto de Peter, mas nada, certamente, acerca do próprio morador. E agora é a vez do proprietário de todas essas maravilhas.

Existe uma grande diferença entre a aparência de Peter nos dias de semana e aos domingos. Nos dias de semana ele veste um macacão, do qual raramente se separa, pois se opõe a que as coisas sejam lavadas com frequência demasiada. Não posso imaginar a razão desse comportamento, exceto talvez por temer ele que sua peça favorita de vestuário se desgaste muito rapidamente. De qualquer modo, o macacão acabou de ser lavado e a sua cor – azul – está mais uma vez reconhecível. Em volta do pescoço Peter

usa um cachecol também azul e que aparentemente lhe é tão caro quanto o macacão. Um cinto pesado de couro marrom e meias brancas de lã completam essa indumentária cotidiana. Mas aos domingos, pode-se dizer que os trajes de Peter passam por um renascimento. O rapaz usa então um terno elegante, um belo par de sapatos, uma camisa, uma gravata – tudo aquilo que pode ser encontrado no guarda-roupa de bom gosto de um rapaz.

Basta da aparência de Peter. Quanto ao homem propriamente dito, mudei radicalmente de opinião nos últimos tempos. Costumava achá-lo meio bobo e lerdo, mas hoje em dia ele não é nem uma coisa nem a outra. Todos concordam que ele se tornou um excelente rapaz. No fundo, sei que é sincero e generoso. Tem sido sempre modesto e solícito; acredito mesmo que seja bem mais sensível do que pensam as outras pessoas. Possui uma preferência que nunca vou esquecer – os gatos. Nada é complicado demais, no que diz respeito a Mouschi e Moffi, e creio que esses dois sentem que não há muito amor na vida de Peter e tentam compensá-lo por isso.

Ele não sente medo – pelo contrário – e não é convencido como os outros rapazes de sua idade. Também não é tolo e tem uma memória incrivelmente boa. Não preciso dizer que ele é bonito, porque todos que o veem sabem disso. Seu cabelo é lindo com belos e opulentos cachos castanhos. Possui olhos azuis acinzentados e – a descrição de rostos nunca foi o meu forte. Depois da guerra juntarei neste livro sua foto às dos outros que estiveram escondidos conosco, como forma de ilustração; isso me poupará o trabalho de descrever seus rostos.

O poço de iniquidade

Terça-feira, 22 de fevereiro de 1944

Não se preocupem, não vou fornecer uma lista de exemplos para ilustrar o título. A razão por que o escolhi é que vi essas palavras ontem numa revista (*C & T*, nº 8).

Em relação a que vocês certamente se perguntam e já vou responder. O Poço de Iniquidade estava na revista relacionado com algumas cenas de nudez de um filme que o crítico evidentemente considerou indecentes. Não iria tão longe a ponto de afirmar que ele está errado, mas creio principalmente que as pessoas, aqui na Holanda, tendem a encontrar defeitos em quem não está suficientemente vestido.

Esse comportamento é conhecido como puritanismo. Se por um lado pode haver algo de positivo nele, por outro, se fosse ensinado às crianças que tudo aquilo que se relaciona com a nudez é indecente, o resultado seria que os jovens começariam a pensar: “Meu Deus, será que todos eles estão ficando completamente birutas?”

Não posso deixar de concordar com eles. A modéstia e o puritanismo podem ir longe demais, e este é certamente o caso dos Países Baixos, se considerarmos como é ridículo o fato de que, se simplesmente alguém pronuncia a palavra “nu”, os outros o olham de todos os lados como se fosse a pessoa mais inconveniente do mundo.

Nem por isso deve-se pensar que sou daqueles que acham que seria melhor vivermos como os homens das cavernas ou andar por aí vestidos apenas com peles de animais; não, absolutamente, gostaria apenas que nossa

existência fosse um pouco mais livre, um pouco mais natural, um pouco mais informal. E agora deixe-me fazer uma pergunta: “Você põe roupas nas flores quando as colhe? E nunca faz um comentário sobre a aparência delas?”

Não acho que sejamos assim tão diferentes da natureza. E a partir do momento que nós, seres humanos, fazemos parte dela, por que deveríamos sentir vergonha pela maneira como a natureza nos vestiu?

13

A felicidade

12 de março de 1944

Antes de começar esta história, vou contar rapidamente o que aconteceu na minha vida até este momento.

Perdi minha mãe (não cheguei de fato a conhecê-la) e meu pai não tinha muito tempo para mim. Quando minha mãe morreu, eu estava com apenas 2 anos; papai entregou-me aos cuidados de um casal encantador com o qual permaneci durante cinco anos. Assim, tinha 7 quando me mandaram para o internato. Fiquei lá até completar 14 anos; então, felizmente, permitiram que eu me reunisse ao meu pai. Agora ele e eu vivemos numa pensão e frequento o liceu. Nada de interessante aconteceu comigo até – até que encontrei Jacques.

Nosso relacionamento ocorreu porque ele veio morar com os pais em nossa pensão. Primeiro nos víamos algumas vezes na escada; depois, por acaso, no parque, e logo passamos a caminhar juntos constantemente na floresta.

Desde o início, Jacques me impressionou por ser um rapaz formidável, talvez um pouco tímido e reservado, embora possa ter sido exatamente essa característica o que me atraiu. Pouco a pouco passamos a estar sempre juntos e agora frequentemente fazemos visitas um ao quarto do outro. Eu não tivera, até então, um relacionamento tão próximo com um rapaz e fiquei surpresa ao constatar que ele era completamente diferente dos garotos turbulentos e fanfarrões da minha classe.

Comecei a pensar em Jacques depois de ter pensado muito sobre mim mesma. Sabia que os pais de Jacques não se davam bem e brigavam com frequência e achei que isso deveria perturbá-lo muito, pois o amor à paz e à tranquilidade era uma de suas características.

Fico sozinha a maior parte do tempo e muitas vezes me sinto triste e solitária; provavelmente isso se deve à falta que sinto de minha mãe ou porque nunca tive um amigo verdadeiro em quem pudesse confiar. Jacques se encontra na mesma situação; também ele só tinha amigos superficiais e me parecia que igualmente precisava de alguém em quem pudesse confiar. Mas não consegui me aproximar mais dele e continuamos a falar sobre coisas de menor importância.

Certo dia, porém, ele chegou com um jeito obviamente artificial, quando eu estava sentada numa almofada, no chão, olhando o céu.

– Interrompo? – perguntou.

– Claro que não – respondi, voltando-me para ele. – Sente-se aqui do meu lado, ou você não acredita em sonhar?

Permaneceu de pé junto à janela, inclinando a frente contra a vidraça.

– Oh, sim – respondeu ele –, sonho muito desse jeito. Você sabe como chamo isso? Dando uma olhada na história do mundo.

– É um modo ótimo de descrever; preciso me lembrar.

– Sim – disse ele com um sorriso estranho que sempre me deixava um pouco confusa porque não sabia exatamente o que significava.

Falamos novamente sobre coisas triviais e depois de algum tempo ele se retirou.

Da vez seguinte em que veio me visitar eu estava sentada no mesmo lugar e novamente ele se postou perto da janela. Nesse dia o tempo estava magnífico; o céu estava muito azul (nós nos encontrávamos tão no alto que não podíamos ver as casas, pelo menos não eu, do meu lugar no chão). Gotas de orvalho aderiam à ramagem nua do castanheiro que ficava em frente da casa e o sol transformava cada gota num diamante cintilante, quando os ramos lentamente se moviam. Gaivotas e outros pássaros voavam e tagarelavam por nossa janela.

Eu não sabia por que era assim, mas o fato é que nenhum de nós podia pronunciar uma só palavra. Aqui estávamos, no mesmo quarto, não muito distantes, mas quase não nos apercebíamos um do outro. Olhávamos apenas para o céu e conversávamos com nossas vozes interiores. Digo “nós” porque estou certa de que ele também se sentia assim e que não se esforçava mais do que eu para quebrar o silêncio.

Passaram-se 15 minutos – então ele falou:

– Quando deixamos a beleza e a paz penetrarem em nós, dissensões e rivalidades começam a parecer pura insanidade. Tudo aquilo com que as pessoas se preocupam e se alvoroçam deixa de ter importância. E mesmo assim, não me sinto sempre dessa maneira.

Olhou timidamente para mim, com receio talvez de que eu não o tivesse compreendido. Fiquei feliz ao ver que ele esperava uma resposta, que eu finalmente havia encontrado uma pessoa solidária a quem eu pudesse transmitir os meus pensamentos.

– Sabe o que eu sempre penso? – perguntei. – É tolice brigar com as pessoas em relação às quais nos sentimos indiferentes. Porém discordar daqueles com quem nos importamos é uma outra história. Você gosta deles, e fica mais magoado do que zangado quando o provocam.

– Você realmente também pensa assim? Mas não briga muito, não é?

– Não, mas o suficiente para saber o que é. O pior de tudo é que a maioria das pessoas segue sozinha por este mundo.

– O que quer dizer com isso? – agora Jacques me olhava fixamente mas resolvi prosseguir; talvez pudesse ajudá-lo.

– Quero dizer que quase todas as pessoas, casadas ou não, permanecem sozinhas por dentro. Não têm ninguém com quem possam falar sobre seus sentimentos e pensamentos; e é disso que mais sinto falta.

Jacques respondeu simplesmente:

– Acontece o mesmo comigo.

Olhamos novamente para o céu. Então ele continuou:

– As pessoas que, como você diz, não têm com quem conversar, perdem muito, muito mesmo. E é exatamente essa compreensão que tão frequentemente me deprime.

– Não, não concordo. Ninguém pode evitar se sentir deprimido de vez em quando, mas não adianta nada antecipar que vai ficar triste.

“Veja, aquilo que se busca quando se está deprimido é a felicidade. Não importa o quanto sinta a falta de alguém a quem possa expressar seus sentimentos; a felicidade, uma vez que a encontre e ela permaneça em seu coração, não pode mais ser perdida.

– Como você a encontrou?

Levantei-me.

– Venha comigo – chamei e à frente dele subi os degraus até o sótão. Havia ali um espaço para armazenagem com uma janela. A casa era extraordinariamente alta e quando olhamos pela janela vimos uma grande extensão de céu.

– Olhe – disse eu – se quer encontrar a felicidade dentro de você mesmo, é preciso ir até lá fora num dia de muito sol e com um belo céu azul. Ou pode ficar numa janela como esta e olhar para nossa cidade sob este azul resplandecente. Mais cedo ou mais tarde você a encontrará.

“Deixe-me contar a você o que aconteceu comigo. Estava num internato do qual eu jamais gostei. Quanto mais os anos se passavam mais aversão eu sentia. Numa tarde livre, fui passear sozinha na charneca. Sentei-me e sonhei por algum tempo. Quando ergui novamente o olhar, percebi que fazia um dia belíssimo. Até então, tinha estado tão imersa em meus pensamentos sombrios que não havia atentado para isso.

“A partir do momento em que vi e senti toda a beleza à minha volta, aquela vozinha ranheta parou de me fazer lembrar de minhas preocupações. Não pude mais sentir ou pensar em outra coisa senão que isso era beleza e isso era verdade. Fiquei sentada ali por cerca de meia hora e quando me levantei e caminhei de volta para aquela escola detestável, não estava mais deprimida. Tudo aquilo deixou em mim a impressão do bom e do belo, da maneira como era realmente.

“Mais tarde compreendi que, naquela tarde, pela primeira vez eu tinha encontrado a felicidade dentro de mim. Também compreendi que as circunstâncias não importam, a felicidade está sempre ali.”

– E isso fez você mudar?

– Sim, fez. Eu fiquei contente. Nem sempre, note bem; ainda resmungava de vez em quando mas jamais fiquei totalmente infeliz de novo. Aprendi que a maior parte da tristeza provém da autopiedade mas que a felicidade provém da alegria.

Quando terminei, ele ainda olhava pela janela e parecia perdido em pensamentos. De repente, virou-se e olhou para mim.

– Ainda não encontrei a felicidade – disse ele – mas descobri outra coisa... alguém que me compreende.

Sabia o que ele queria dizer. Dali em diante, eu não estava mais sozinha.

14 Dar

26 de março de 1944

Fico imaginando se certas pessoas sentadas em seus lares quentes e confortáveis fazem ideia do que é ser um mendigo? Será que algum dia essas “boas e estimadas criaturas” quiseram saber da vida das pessoas e das crianças pobres ao seu redor? Certo, todo mundo dá a um mendigo umas poucas moedas de vez em quando. Mas esse dinheiro geralmente é empurrado de maneira apressada para a mão dele e a porta se fecha com rapidez. E o que é pior, o doador generoso normalmente estremece por precisar tocar aquela mão tão suja. *É verdade ou não é?* Depois ficamos surpresos que os mendigos se tornem tão rudes. Será que qualquer um não ficaria, ao ser tratado mais como um animal que um ser humano?

É ruim, muito ruim mesmo, que num país que se vangloria de possuir boas leis sociais e um alto padrão cultural as pessoas se tratem umas às outras dessa maneira. Os ricos, na maioria, olham um mendigo como alguém para ser desprezado, sujo e desamparado, rude e incivilizado. Mas algum deles já se perguntou como esses pobres infelizes se tornaram assim? Apenas compare seus filhos com essas pobres crianças. Qual é realmente a diferença? Seus filhos estão limpos e arrumados, os outros estão sujos e desamparados. É só isso? Sim, essa é realmente a única diferença. Mas se o filho de um pobre mendigo recebesse roupas bonitas e aprendesse boas maneiras então não haveria diferença nenhuma.

Nós todos nascemos iguais, eles também eram indefesos e inocentes. Todos respiram o mesmo ar, um grande número acredita no mesmo Deus! E

ainda assim a diferença pode ser tão incomensurável, porque muitas pessoas nunca perceberam onde ela está realmente. Porque se tivessem percebido, descobririam que na verdade não há diferença nenhuma. Todos nascem iguais, todos têm de morrer um dia, e nada fica de sua glória terrena. A riqueza, o poder, a fama duram apenas uns poucos anos. Por que as pessoas se apegam tão desesperadamente a essas coisas transitórias? Por que não podem, aqueles que têm mais do que necessitam, dar esse excedente para seus concidadãos? Por que alguns devem ter uma vida tão difícil durante os poucos anos que passam nesta terra? Mas acima de tudo, faça com que as dádivas sejam dadas gentilmente e não apenas atiradas em seus rostos; todos têm direito a uma palavra amiga! Por que alguém deve ser mais gentil para com uma mulher rica do que com uma mulher pobre? Alguém estimou a diferença de caráter entre as duas? A verdadeira grandeza de uma pessoa não reside na riqueza ou no poder mas no caráter e na bondade. Todos são humanos, todos têm seus defeitos e imperfeições, mas todos nascem com uma grande parte que é boa. E se alguém começasse por encorajar o bem em lugar de ocultá-lo, ao dar aos pobres a sensação de que eles também são seres humanos, não se necessitaria nem mesmo possuir dinheiro ou posses para fazê-lo.

Tudo começa pelas pequenas coisas. Por exemplo, não ceda o lugar no bonde apenas para as mães ricas, não, lembre-se também daquelas que são pobres. Peça desculpas se pisar no pé de uma pessoa pobre como faria com alguém rico. As pessoas sempre seguem um bom exemplo; seja o primeiro a dá-lo e então não levará muito tempo para que outras pessoas o sigam. Mais e mais pessoas se tornarão amáveis e generosas até que finalmente os pobres não sejam mais desprezados.

Oh, se ao menos já estivéssemos nesse tempo futuro onde nosso país e depois a Europa e finalmente o mundo inteiro perceberia que as pessoas são na verdade bem-intencionadas umas em relação às outras, que todos são iguais e o resto é apenas transitório!

Como é delicioso pensar que ninguém precisa esperar um minuto, podemos começar agora, começar lentamente a transformar o mundo!

Como é delicioso pensar que todos, grandes e pequenos, podem contribuir para introduzir justiça imediatamente!

Assim como em tantas coisas, a maioria das pessoas busca justiça com um objetivo bem diferente; resmunga porque recebe tão pouco dela. Abram os olhos, primeiro se certifiquem de que vocês mesmos são sempre justos! Deem de si mesmos, deem o quanto puderem! E vocês sempre podem dar alguma coisa, mesmo se for apenas bondade! Se todos fizessem isso e não fossem mesquinhos quanto a uma palavra gentil, então haveria muito mais justiça e amor no mundo. Deem e receberão muito mais do que pensaram ser possível algum dia. Deem, deem outra vez e mais outra, não percam a coragem, fiquem firmes e continuem dando! Jamais alguém ficou pobre por dar! Se fizerem isso, então em poucas gerações ninguém precisará mais ter pena das crianças pobres, porque elas não mais existirão!

Existe bastante espaço para todos no mundo, dinheiro suficiente, riquezas e beleza para todos dividirem! Deus fez o bastante para todos! Começemos então por dividir igualmente.

Quem é interessante?

Semana passada eu viajava de trem a caminho de Bussum para visitar minha tia. Meu plano era pelo menos me divertir no trem, porque aguentar a companhia de tia Josephine por uma semana inteira não é nada divertido.

De modo que me sentei ali com meu plano, mas não tive sorte porque à primeira vista meus companheiros de viagem não pareciam muito interessantes ou divertidos. A velhinha que estava sentada à minha frente era muito amável mas não era divertida, nem o cavalheiro distinto ao lado dela, que provavelmente não seria fácil afastar de seu jornal, e a mulher camponesa do outro lado não parecia muito dada a um bate-papo amistoso.

Mas eu havia decidido me divertir e ninguém me faria desistir.

Se necessário, bastava apenas incomodar alguém; bem, nesse caso, eu colocaria a culpa no pescoço comprido e magro de tia Josephine. Depois de meditar sobre meu plano por dez ou quinze minutos e certamente não dando a impressão de ser mais divertida do que meus companheiros de viagem, o trem parou na primeira estação e, para minha alegria, um cavalheiro de cerca de 30 anos, que parecia interessante, senão divertido, embarcou.

As mulheres em geral estão convencidas de que homens jovens, com cabelos grisalhos nas têmporas, são interessantes e até aquele momento eu nunca havia colocado em questão essa crença. Assim, agora, faria um teste com um homem interessante; certamente, não iria aceitar que ele fosse interessante sem uma prova.

A questão era: como faria para que o homem interessante mostrasse seu temperamento? Devem ter-se passado mais 15 minutos quando, de repente,

ocorreu-me um estratagema sem dúvida comum e muito simples; apenas deixei cair o lenço e de fato o resultado foi surpreendente.

Não só o homem interessante, da maneira mais galante (que mais poderia ele fazer?) apanhou o lenço do chão sujo, mas também, espontaneamente, aproveitou a oportunidade para iniciar uma conversa.

– Bem, senhorita – começou afavelmente, falando baixinho, é claro, porque não havia necessidade dos outros ouvirem –, aqui está o que lhe pertence, mas em troca do lenço ficaria encantado em saber seu nome.

Francamente, pensei que ele fosse mais corajoso mas, como estava determinada a ser divertida a todo custo, respondi no mesmo tom de voz:

– Sim, senhor, por que não? Meu nome é Srta. Van Bergen.

Lançou-me um olhar reprovador e falou de maneira insinuante:

– Oh, minha cara senhorita, gostaria de saber seu primeiro nome.

– Muito bem, é Hetty.

– Oh, Hetty – repetiu meu vizinho. Conversamos, então, algum tempo sobre isso e aquilo, mas para mim era impossível, eu não podia tornar a conversa mais interessante. Esperava que o homem, que passava por interessante aos olhos do mundo, fizesse isso.

Na estação seguinte o cavalheiro desceu e fiquei terrivelmente desapontada.

Aí então a velhinha saiu de seu canto e veio conversar comigo. Contou-me coisas tão interessantes que o tempo voou e, antes que me desse conta, o trem havia chegado à minha estação.

Agradei à interessante velhinha e agora eu sei que a reputação dos homens interessantes está inteiramente baseada nas aparências.

Se quiser se divertir numa viagem ou em qualquer outro lugar, faça o que fiz, tente e encontre pessoas velhas e feias. Têm muito mais possibilidades de dar a você o entretenimento que procura do que os cavalheiros cuja presunção está escrita em seus rostos.

16

Por quê?

A palavrinha “por que” tem sido algo muito forte em mim desde os tempos em que era apenas uma menina e nem mesmo sabia falar direito. É um fato bem conhecido que as crianças fazem perguntas a respeito de tudo porque nada lhes é familiar. Este foi exatamente o meu caso, porém, mesmo quando cresci, mal podia esperar para fazer todos os tipos de perguntas, quer pudessem ser respondidas ou não. Em si mesmo, isso não é assim tão terrível e devo dizer que meus pais tentaram responder pacientemente cada uma delas, até que... comecei a atormentar até estranhos, e *eles* geralmente não podem suportar “as perguntas intermináveis das crianças”. Devo admitir que isso pode ser muito cansativo, mas eu me consolava com a ideia de que existe um ditado que diz “é preciso perguntar para saber”, que poderia não ser totalmente verdadeiro, caso contrário, eu seria uma professora agora.

Ao crescer, percebi que não é possível fazer todo tipo de pergunta a todas as pessoas e que existem muitos “porquês” que não podem ser respondidos. Daí seguiu-se então que tentei ajudar a mim mesma começando a pensar minhas próprias respostas a essas perguntas. Cheguei assim à importante descoberta de que as perguntas que não devem ser feitas podem ser resolvidas por nós mesmos. Consequentemente, a palavrinha “por que” ensinou-me não só a perguntar mas também a pensar.

Agora, quanto à segunda parte da palavra “por que”. Como seria, se todos ao fazerem qualquer coisa perguntassem antes a si mesmos, “por quê”? Acho que se tornariam mais sinceros e pessoas muito, muito melhores mesmo. Porque a melhor maneira de se tornar sincero e bom é ficar examinando a si mesmo sem parar. Posso imaginar que a última coisa que as

peessoas gostam de fazer é confessar a si mesmas seus erros e seus defeitos (que todos nós temos). Isso serve tanto para as crianças como para os adultos – quanto a isso não vejo nenhuma diferença. A maioria das pessoas acha que os pais devem educar seus filhos e zelar eles mesmos para que a personalidade das crianças se desenvolva o melhor possível. Isto certamente é errado. As crianças devem educar a si mesmas, desde a mais tenra idade, e devem tentar mostrar sua verdadeira personalidade sozinhas. Muitos vão pensar que isso é loucura mas não é. Mesmo uma criancinha é uma pequena personalidade e possui uma consciência; portanto, deveria ser criada sendo tratada como tal, de forma que a criança vai sentir que sua própria consciência a está punindo da maneira mais severa possível. Quando as crianças atingem a idade de 14 ou 15 anos, toda punição é ridícula. Essa criança sabe muito bem que ninguém, nem mesmo seus próprios pais, podem chegar a lugar algum com surras e punições. Discutindo com bom senso e mostrando à criança os erros que ela está cometendo, obter-se-ão resultados muito melhores do que com punições severas.

Mas não quero parecer pedante. Apenas dizer que na vida de toda criança e todo adulto a palavra “por que” desempenha um grande papel e muito justamente. O ditado “é preciso perguntar para saber” é verdadeiro na medida em que conduz a pensar sobre as coisas, e ao pensar ninguém poderá nunca piorar, mas somente se tornar melhor.

fim

Este livro foi publicado com a permissão da ANNE FRANK FONDS.

Como único sobrevivente de sua família e único herdeiro de sua filha Anne, Otto H. Frank fundou a ANNE FRANK FONDS (AFF) na Basileia, Suíça, em 1963, e tornou-se responsável pelo legado de Anne. Desde a morte de Otto Frank, em 1980, a AFF continua seu trabalho com o objetivo de disseminar os escritos de Anne Frank e protegê-los da exploração ilegal. Os manuscritos de Anne estão expostos na Anne Frank House (Casa de Anne Frank), em Amsterdã, e fazem parte do Programa Memória do Mundo da UNESCO.

A AFF é uma fundação sem fins lucrativos, regida pela lei suíça. Sua administração é feita por uma comissão de voluntários presidida há muitos anos pelo primo de Anne Frank, Buddy Elias. A finalidade da AFF é promover trabalhos de caridade em tributo a Anne e Otto Frank. Era um desejo explícito de Otto Frank que a AFF pudesse colaborar para um melhor entendimento entre diferentes culturas e religiões, encorajar a comunicação entre os jovens de todo o mundo e contribuir com a paz.

Para mais informações visite www.annefrank.ch

ANNE FRANK FONDS®

FOUNDED BY OTTO FRANK

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.
A.

Contos do esconderijo

Skoob do livro

<http://www.skoob.com.br/contos-do-esconderijo-4572ed5645.html>

Wikipédia da autora

http://pt.wikipedia.org/wiki/Anne_Frank

Site da autora

<http://www.annefrank.org/pt/>